



Estudos em homenagem a
Maria Isabel D'Agostino Fleming

ARQUEOLOGIA CLÁSSICA NO BRASIL

REFLEXÕES SOBRE O MEDITERRÂNEO ANTIGO

Vagner Carvalheiro Porto
Marcia Severina Vasques
Marcio Teixeira-Bastos
(Organizadores)

2023

ORGANIZADORES: Wagner Carneiro Porto
Marcia Severina Vasques
Marcio Teixeira-Bastos

COMISSÃO CIENTÍFICA: Adriene Baron Tacla - Universidade Federal Fluminense (UFF)
Camilo de Mello Vasconcellos - Museu de Arqueologia, Universidade de São Paulo (MAE-USP)
Cintia A. Gama-Rolland - Musée des Confluences, Lyon
Claudio Walter Gomez Duarte - Universidade Metropolitana de Santos (Unimes)
Fabio Vergara Cerqueira - Universidade Federal de Pelotas - (UFPel)
Gilberto da Silva Francisco - Universidade Federal de São Paulo (Unifesp)
Juliana Figueira da Hora - Universidade de Santo Amaro (Unisa)
Louise Prado Alfonso - Universidade Federal de Pelotas - (UFPel)
Luiz Antonio Dias - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

CAPA: Lygia Ferreira Rocco

EDIÇÃO E REVISÃO: Felipe Cotrim | Tikinet

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nicole de Abreu | Tikinet

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

P853 Porto, Wagner Carneiro, Vasques, Marcia Severina, Teixeira-Bastos, Marcio (Organizadores)
Arqueologia clássica no Brasil: reflexões sobre o Mediterrâneo Antigo / Organização de Wagner Carneiro Porto, Marcia Severina Vasques e Marcio Teixeira-Bastos. – São Paulo: MAE-LARP/USP, 2023.
444 p.; il.

Estudos em homenagem a Maria Isabel D'Agostino Fleming

ISBN 978-65-87080-47-5

1. Arqueologia. 2. Arqueologia Histórica. 3. Arqueologia Clássica. 4. Antiguidade Clássica. 5. História Antiga. 6. Arqueologia Clássica no Brasil.

CDU 930.26

CDD 930.1

Catalogação elaborada por Regina Simão Paulino – CRB 6/1154

Sumário

Apresentação <i>Os organizadores</i>	9
1 – Michel Gras pour Maria Isabel <i>Michel Gras</i>	21
2 – Para Maria Isabel, de Michel Gras <i>Michel Gras, tradução de Claudia Gradim</i>	25
3 – Um testemunho da convivência com Mabel Fleming <i>Eduardo Góes Neves</i>	29
4 – Um tributo a Maria Isabel D'Agostino Fleming, mestra e inspiradora <i>Pedro Paulo A. Funari</i>	33
5 – Les cites romaines du Maghreb <i>Patrick Le Roux</i>	37
6 – As cidades romanas do Magreb <i>Patrick Le Roux, tradução de Claudia Gradim</i>	57
7 – Formas de escolha e consumo em Morgantina (Sicília): as áreas funerárias e as áreas domésticas <i>Elaine Farias Veloso Hirata</i>	77
8 – A Calábria meridional e a expansão grega no Mar Tirreno: Metauros entre a pré-colonização e a emporia (sécs. VIII-VI a.C.) <i>Maria Beatriz Borba Florenzano</i>	105

9 – O impacto do crescimento de Antioquia sobre o campesinato sírio: Libânio e a defesa dos <i>Georgoi</i>	129	18 – Espaços do Sagrado em Cesareia Marítima no Período Romano-Bizantino	333
<i>Gilvan Ventura da Silva</i>		<i>Marcio Teixeira-Bastos</i>	
10 – O poder de Dioniso em Nisa-Citópolis: entre o suporte arqueológico e imagético	153	19 – Desembaraçando as tramas interpretativas: reflexões sobre os usos e conteúdos do <i>Livro do Amduat</i> durante a 21ª dinastia	367
<i>Vagner Carvalheiro Porto</i>		<i>Cássio de Araújo Duarte</i>	
11 – O Norte da África nos estudos contemporâneos: os caminhos a seguir	197	20 – Arqueologia e cristianismo antigo: um percurso histórico sobre a interpretação da cultura material	387
<i>Maria Cristina Nicolau Kormikiari</i>		<i>Alessandro Mortaio Gregori</i>	
12 – A morte e o Além no Egito Romano: a necrópole de Hermópolis Magna	225	21 – Territórios Plurais dentro QAŞR ASH-SHAMA^c (Fortaleza da Babilônia)	407
<i>Marcia Severina Vasques</i>		<i>Lygia Ferreira Rocco</i>	
13 – An attic crater at MAE-USP: a case study for conservation employing portable X-ray fluorescence technique	245	Biografia dos autores	435
<i>Carlos Roberto Appoloni e Silvia Cunha Lima</i>			
14 – Uma cratera ática no MAE-USP: um estudo de caso para conservação utilizando a técnica de fluorescência de raios-X portátil	259		
<i>Carlos Roberto Appoloni, Silvia Cunha Lima, tradução de Claudia Gradim</i>			
15 – A Arqueologia Medieval no Brasil	275		
<i>Marcelo Cândido da Silva, Marina Duarte Sanchez, José Francisco Fonseca e Gabriel Rodrigues Cordeiro</i>			
16 – Comentários sobre o Mítreu de Londres	289		
<i>Renato Pinto</i>			
17 – Dioniso, sátiros e bacantes nos mosaicos romanos do Norte da África	311		
<i>Silvana Trombetta</i>			

O poder de Dioniso em Nisa-Citópolis: entre o suporte arqueológico e imagético

Vagner Carvalho Porto
Universidade de São Paulo

*Eu começo a cantar sobre Dioniso coroado de hera,
o deus que grita alto, filho esplêndido de Zeus
e da gloriosa Sêmele ... E então, saudação a você,
Dioniso, deus dos cachos abundantes
Hinos Homéricos XXVI.1-2, 11: A Dioniso*

Introdução

Dioniso é um deus grego e, ao mesmo tempo, um deus oriental. Sua história e sua mitologia se conectam com a distante cidade oriental conhecida como Nisa-Citópolis¹ (Figuras 1 e 2). Esta cidade apresenta característica similar ao deus, possuía forte presença grega e romana, mesmo estando no seio do antigo território sírio-palestino.

¹ Nisa-Citópolis (inglês: Nysa-Scythopolis, Σκυθόπολις em grego antigo), atual Beit She'an (hebraico: בית שֵׁאן), também conhecida como Beisan (árabe: نبيياسن), é uma cidade localizada no Distrito Norte de Israel. Esta cidade desempenhou um papel importante na história da região devido a sua localização geográfica na junção do Vale do Rio Jordão com o Vale de Jezreel. No relato bíblico da batalha dos israelitas contra os filisteus no Monte Gilboa (1 Samuel, 31: 8-13; cf. 1 Crônicas, 10: 8-12), os corpos do rei Saul e de três de seus filhos teriam sido pendurados nas paredes de Beit She'an (1 Samuel 31: 10-12). Na época dos romanos, Beit She'an – na ocasião Nisa-Citópolis – era a principal cidade da Decápolis, uma liga de cidades não judaicas com forte influência grega e romana.

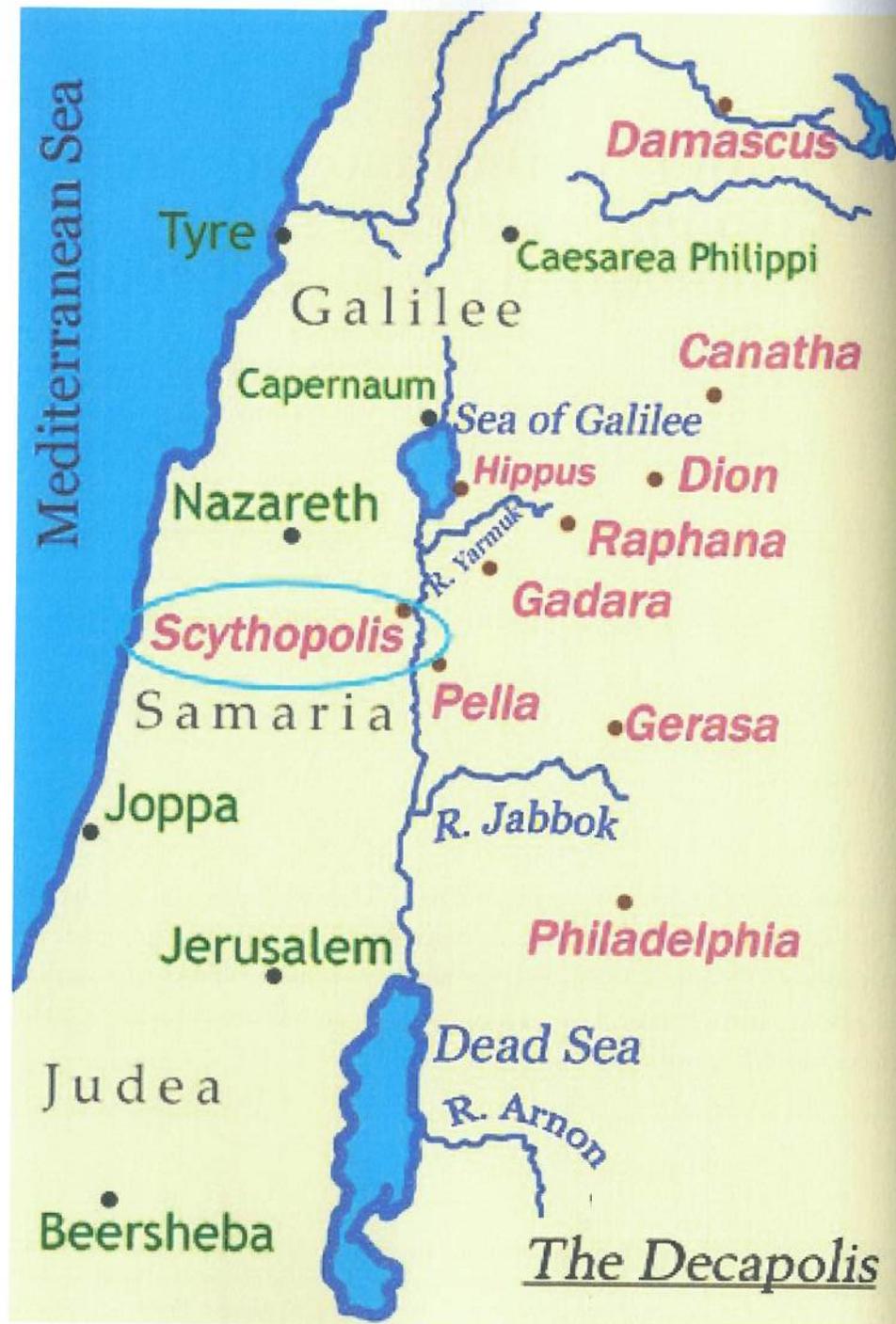


Figura 1: Mapa da Síria-Palestina com as cidades da Decápolis em vermelho (63 AEC – 106 EC). Em destaque a cidade de Nisa-Citópolis.

Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: <https://bityli.com/GvpBg>.



Figura 2: Vista aérea de Nisa-Citópolis.

Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: <https://bityli.com/DRMTz>.

O entendimento da força, energia e poder que as imagens² de Dioniso representam na antiga cidade de Nisa-Citópolis passa pela compreensão de seu mito e seu culto na região.

O culto a Dioniso foi introduzido na região da bacia do Mediterrâneo oriental após os significativos eventos e mudanças que ocorreram na vida política e cotidiana da população como resultado da conquista da região por Alexandre, o Grande. Em alguns casos, os mitos gregos expressaram significativamente a integração cultural e hibridização entre o mundo grego e não grego nas cidades da Decápolis, em um emaranhamento tal que envolvia sobretudo a cidade de Citópolis. A exemplo disso temos o nome Nisa, outro nome para Citópolis durante os períodos helenístico e romano. Essa identificação é controversa entre escritores antigos e estudiosos modernos. Alguns identificaram Beit She'an como Nisa, local de nascimento de Dioniso, embora a lenda também diga que o próprio Dioniso fundou³ a cidade

2 Colocamos “imagens” no plural por entender que diferentes grupos têm diferentes olhares sobre o deus, ainda mais considerando-se uma cidade bastante hibridizada como Citópolis.

3 Lichtenberger (2004, p. 24) menciona uma inscrição do tempo de Marco Aurélio que afirma que Dioniso foi honrado na cidade como seu fundador (*Ktistes*).

no lugar onde enterrou sua babá, a ninfa Nisa, ao voltar da Índia.⁴ Plínio, o Velho, também se refere a esta tradição,⁵ "...Citópolis (anteriormente Nisa, após a babá do pai Liber, ser enterrada lá), onde uma colônia de cítios está estabelecida"⁶ (tradução nossa). As evidências arqueológicas para o culto de Dioniso nas cidades da Decápolis,⁷ dentre elas Citópolis, datam do período romano, embora o culto do deus possa muito bem ter sido integrado aos cultos locais bem antes, ainda no período Helenístico.

Estudiosos assumiram que, apesar do fato de que todas as evidências disponíveis do local eram datadas do período romano, o culto de Dioniso em Nisa-Citópolis pode ter se originado no século III AEC, quando o culto foi adotado pela dinastia ptolomaica (Mazor, 2016, p. 358).

A conexão direta com Dioniso e seu culto é confirmada pelos vários achados das escavações arqueológicas nas cidades da Decápolis, especialmente em Beit She'an/Citópolis, onde, segundo Asher Ovadiah e Sonia Mucznik (2015, p. 388), o culto ao deus era o mais importante. Evidências históricas e descobertas arqueológicas em Beit She'an corroboram a relação entre Dioniso e esta cidade durante os períodos helenístico e romano, indicando que Dioniso se tornou seu patrono. De acordo com Ovadiah e Mucznik, nas últimas décadas, as descobertas arqueológicas acumuladas em Beit She'an, confirmam Dioniso como patrono da cidade e a existência de seu culto. Estas incluem vestígios arquitetônicos (um templo?), inscrições, moedas, altares, estátuas e decoração arquitetônica relacionada ao deus. Quanto aos companheiros de Dioniso, apenas dois relevos representando a cabeça de Pã, descobertos em Beit She'an, foram publicados (Ovadiah; Mucznik, 2015, p. 388).

4 Mazor (2016, p. 358) indica que Dioniso foi o fundador da cidade segundo a mitologia micênica e as narrativas etiológicas, que mencionam os historiadores romanos dos séculos I e III EC.

5 Outra fonte que atesta esta versão é Solinus, *Collectanea Rerum Memorabilium* 36.1.

6 ...*Scythopolim antea Nysam, a Libero Patre sepulta nutrice ibi Scythis deductis*.

7 Decápolis (grego: Δεκάπολις, Dekápolis, 'Dez Cidades') era um grupo de dez cidades na fronteira oriental do Império Romano no sudeste do Levante nos primeiros séculos AEC e EC. Estas cidades foram agrupadas considerando-se seu idioma, cultura, localização e *status* político, com cada uma funcionando como uma cidade-Estado autônoma dependente de Roma. Às vezes são descritas como uma liga de cidades, embora alguns estudiosos acreditem que nunca foram formalmente organizadas como uma unidade política. A Decápolis era um centro da cultura grega e romana em uma região habitada por povos de língua semita (nabateus, arameus e cananeus). No tempo do imperador Trajano, as cidades foram colocadas nas províncias da *Syria* e *Arabia Petraea*; várias cidades foram posteriormente colocadas na *Syria Palaestina* e *Palaestina Secunda*. A maior parte da região da Decápolis está localizada na Jordânia, exceto Damasco (na Síria) e Hipo e Nisa-Citópolis (em Israel) (Plínio, 1855, 5.16.74; Meyers, 2016; Lichtenberger, 2004, p. 23-24).

Abordagem teórico-metodológica: entre a Arqueologia Contextual e Análise Iconográfica

Como pudemos observar por esta breve introdução, a figuração de Dioniso aparece em Nisa-Citópolis nos mais variados suportes arqueológicos e imagéticos. Propomos, como forma de exercício, um método de análise que permita compreender o poder de Dioniso nesta cidade a partir da conjunção possível entre a análise arqueológica contextual e a análise das imagens, principalmente das moedas produzidas na cidade que carregam a representação do deus.

A abordagem teórico-metodológica da Arqueologia Contextual inserida na perspectiva pós-processualista⁸ teve na figura de Ian Hodder um de seus principais idealizadores. Tal perspectiva preconiza o estudo de contextos para se compreender o significado de objetos e sua relação frente às ações culturais e a estrutura socio-política em que tal artefato se insere, ou seja, o objeto transita em direção a um âmbito maior de considerações dentro de todo o contexto arqueológico (Hodder, 1987, 1991, 1992, 2012; Shanks; Hodder, 1995). Para se compreender o conjunto de ideias, crenças e significados existentes entre as pessoas e os objetos é necessário aflorar a mais sensível forma de contextualizar os objetos e o meio em que foram encontrados. Neste sentido, nossa abordagem teórico-metodológica contempla a análise da materialidade de Dioniso em Nisa-Citópolis em seu todo, considerando tanto objetos que fazem menção ao deus e que se relacionam entre si (estátuas, capitéis, moedas etc.), como considera os artefatos e imagens conectados a Dioniso com o templo em que ocorria o culto ao deus e todo o contexto material concernente

8 A Arqueologia pós-processual é um movimento na teoria arqueológica que enfatiza a subjetividade das interpretações arqueológicas. Dentro do movimento pós-processualista, uma ampla variedade de pontos de vista teóricos foi adotada, incluindo o estruturalismo e o neomarxismo, assim como uma variedade de diferentes técnicas arqueológicas, como a fenomenologia. O movimento pós-processual originou-se no Reino Unido durante o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, iniciado por arqueólogos como Ian Hodder, Daniel Miller, Christopher Tilley e Peter Ucko, que foram influenciados pela antropologia marxista francesa, pós-modernismo e semelhantes tendências da antropologia sociocultural. Desenvolvimentos paralelos logo se seguiram nos Estados Unidos. Inicialmente, o pós-processualismo foi principalmente uma reação e crítica à Arqueologia processual, um paradigma desenvolvido na década de 1960 pela New Archaeology com Lewis Binford, e que se tornou dominante na arqueologia anglófona na década de 1970. O pós-processualismo foi fortemente crítico de um princípio fundamental do processualismo, a saber, sua afirmação de que as interpretações arqueológicas poderiam, se o método científico fosse aplicado, chegar a conclusões completamente objetivas (Johnson, 1999, p. 98-99; Trigger, 2007, p. 451-452).

a Dioniso. Como os objetos com representação de Dioniso e inscrições que fazem referência ao deus encontrados na área do teatro, por exemplo.

Muito se desenvolveu no âmbito da Arqueologia pós-processual iniciada nos idos dos anos 1980 até os dias atuais. A Arqueologia Contextual recebeu novas reflexões/adições como estudos sobre agência dos objetos em que o objeto detém poder de ação e intencionalidades (Gell, 1998; Leach, 2006; Ingold, 2008).

A compressão sobre a agência dos objetos teve um desenvolvimento culminando, atualmente, na compreensão de que os objetos foram reclassificados e colocados numa posição de igualdade com os humanos, tendo ambos a capacidade de operar sobre a sociedade. Podemos dizer que a agência dos objetos seja um segundo movimento conceitual que ampliou o foco das atenções para as interações, cadeias e redes (Latour, 2007), e que opera sobre o mundo (Debarry; Turgeon, 2007). Neste caminhar observamos um terceiro movimento que valorizou os interstícios e fluxos das coisas (objetos, cultura material *lato sensu*), o chamado *in-betweenness*, que pode ser entendido como aquilo que está entre as coisas (Ingold, 2015, p. 147; Rede, 2022).

Todo este preâmbulo acerca da abordagem teórico-metodológica que aplicamos para a compreensão do poder das imagens que se tem de Dioniso em Nisa-Citópolis leva-nos ao entendimento de que um enfoque totalizante (que considera a força do mito, dos objetos, da narrativa, do contexto arqueológico e imagético) se faz necessário. Neste sentido, gostaria de mencionar dois trabalhos que se enveredaram por estes caminhos metodológicos e que, a meu ver, foram muito bem sucedidos. Primeiro cito a tese de doutorado de Juliana Figueira da Hora (2018), intitulada *A cerâmica de figuras negras tasienses no contexto arqueológico: múltipla Ártemis e o feminino na Tasos arcaica*. Esta pesquisa se centrou metodologicamente na análise das cerâmicas encontradas no santuário da deusa Ártemis da ilha de Tasos, norte do Egeu, em conjunção com os outros achados arqueológicos encontrados no contexto do *Artemision*.⁹ Para isso, ferramenta essencial para este tipo de estudo foi a consulta/utilização principalmente dos relatórios de escavações publicados,¹⁰ a análise da documentação textual (fontes primárias e discussão da bibliografia secundária) e a análise da iconografia das

9 Os templos/santuários das divindades gregas têm sua terminação com o sufixo *-ion*. Assim, o templo da deusa Atena é chamado de *Atenaion*, o templo da deusa Ártemis é chamado de *Artemision*, o templo da deusa Hera é chamado de *Heraion*, o templo de Tyche é chamado de *Tychaion*, e assim por diante.

10 Os principais relatórios consultados por Juliana Hora foram o *Bulletin de Correspondance Hellenique*; *Comptes rendus des Séances de l'Academie des Inscriptions et Belle-Lettre*; *Jahrbuch des deutschen*

peças. Todas as informações coletadas foram inseridas em fichas e relacionadas em uma base de dados que entrecruzaram os dados obtidos gerando informações relevantes para as reflexões propostas.

Na mesma linha cito a recém defendida dissertação de mestrado de Victoria Arroyo, intitulada *Mudanças e permanências no mobiliário funerário em cemitérios de não-elite do Reino Novo e do Terceiro Período Intermediário: um estudo sobre o papel dos amuletos*. Este trabalho visou analisar e interpretar o papel dos amuletos a partir de uma abordagem contextual, junto com variáveis como o sexo e idade dos corpos presentes nos enterramentos, o posicionamento do amuleto em cada corpo, o material dos quais foram manufaturados, além de que as formas e tipologia que estão representando possibilita a compreensão de diferenças no padrão de cultura material, ou seja, mudanças e permanências na concepção e uso de amuletos dentro do mobiliário funerário (Arroyo, 2021). Como método de trabalho, além de explorar o máximo possível da produção bibliográfica existente sobre o tema, a autora analisou conjuntamente – assim como a pesquisa mencionada anteriormente – os relatórios de escavações.¹¹ Valeu-se, também, da criação de tabelas e de um banco de dados composto por três tabelas que se relacionam a partir dos amuletos funerários, foco do estudo. Arroyo buscou relacionar os amuletos com o enterramento em que foi escavado e todas as suas informações, assim como, de forma mais abrangente, com o sítio arqueológico como um todo. A autora se valeu da função denominada ‘relacionamentos’ (em inglês, *relationships*) existente no *software FileMaker*, que, como esperado, relacionou as tabelas criadas pelos campos “sítio_número” (número do sítio) e “enterramento_número” (número do enterramento). Essas relações possibilitaram correlacionar os dados dos amuletos com seu respectivo enterramento e sítio (Arroyo, 2021, p. 89-91).

Venho suscitando entre meus alunos este tipo de abordagem arqueológica contextual abrangente, de modo que consigam extrair o máximo de informações necessárias para uma melhor compreensão do problema de pesquisa e para que se possa responder mais apropriadamente as hipóteses formuladas.

Por fim, para completar o horizonte metodológico que acredito dever se somar à abordagem acima exposta, considero a análise das imagens presentes nos objetos – isso,

archologischen Instituts Athenische Abteilung; *Etthas: Études Thasiennes*; *JSTOR*; e *Journal of Hellenic Studies* (Hora, 2018; cf. bibliografia).

11 Em seu caso, os principais relatórios de escavações foram os de Petrie, Brunton e Murray (1923), Brunton e Engelbach (1927) e Brunton (1948) (Arroyo, 2021).

naturalmente, quando possível. Antes de tudo, devo enfatizar que esta análise iconográfica que proponho deve também considerar o máximo de informações disponíveis. Assim, me antecipo afirmando que o suporte material em que as imagens se encontram é fator determinante para o tipo de análise que sugiro realizar. Houve tempo em que a Arqueologia (principalmente a Clássica) era extremamente próxima da História da Arte (e ainda o é sob muitos aspectos, diga-se) e a análise das imagens se descolava de seu suporte material como se este nada interferisse na análise que dali pudesse prover. Vários trabalhos vêm enfrentando esta contenda há já algumas décadas. Nesta linha, pensando nas pesquisas desenvolvidas no Brasil, menciono alguns dos trabalhos de Gilberto Francisco (2012, 2013), Fabio Vergara Cerqueira (2012), Haiganuch Sarian (1999, 2005), Moreira, Carlan e Funari (2015), que procuram apresentar e discutir estas novas perspectivas sobre análises de imagens em suportes materiais. O recém publicado artigo escrito a três mãos *Retomando a Arqueologia da Imagem: entre iconografia clássica e cultura material* (Francisco; Sarian; Cerqueira, 2020) apresenta-nos o caminhar dos estudos sobre análise de imagens e, assim, começam por destacar a importante contribuição de Erwin Panofsky (1976) para os estudos iconográficos. Neste artigo, os autores destacam “o nível mais claramente caracterizado pelos aspectos materiais, o pré-iconográfico”, como “um passo inicial de um percurso que objetiva, passando pelo nível iconográfico, chegar à iconologia; tratando-se, dessa forma, não do abandono dos aspectos materiais no âmbito da interpretação das imagens, mas de constituição de certa hierarquia entre as suas características materiais e seu tema, o que influenciou em certa medida a Iconografia Clássica” (Francisco; Sarian; Cerqueira, 2020). Na sequência, apresentam a perspectiva de Alice A. Donohue, demonstrando que nesta autora “os três níveis panofskyanos são explicitamente evocados nas interpretações” (Donohue, 2005, p. 50 *apud* Francisco; Sarian; Cerqueira, 2020, p. 145) mas que, em sua reflexão, o suporte é ainda elemento secundário. Francisco, Sarian e Cerqueira continuam a reflexão apresentando a Teoria dos Meios, em que nela é “sem dúvida, através da rigorosa descrição e interpretação, métodos arqueológicos científicos por excelência, que se fundamenta uma Arqueologia da Imagem, ao abordar as várias categorias de cultura material (vasos, esculturas, relevos, com todas as suas especificidades, enquanto suporte de imagens” (Sarian, 2005, p. 13; Francisco; Sarian; Cerqueira, 2020, p. 148). Esta abordagem promove a articulação “material da imagem (aqui compreendida como suporte/*medium*)” e que “podem ser observadas desde o âmbito da produção até a recepção” própria dos objetos “portadores de imagens” (2020, p. 148).

Esta abordagem pressupõe a relevância indelével do suporte material para a compreensão da iconografia, do significado que as imagens pretendem transmitir e como são recebidas pelo observador.

Desenvolvimentos metodológicos na esfera da Numismática também são valiosos para completarmos o quadro conceitual-teórico-metodológico que pretendemos desenvolver neste texto. Neste sentido, e aproveitando tratar-se de análises que contemplam o personagem de nosso texto, o deus Dioniso, apresento as proposições da numismata italiana Rossela Pera, com seu texto *Tipi Dionisiaci in Sicilia e Magna Grecia* de 1985; e da arqueóloga e numismata brasileira Maria Beatriz Borba Florenzano com o artigo intitulado *Notes on the imagery of Dionysus on Greek coins*, texto este de 1999. As autoras buscam – cada uma na esfera geográfica que tencionam refletir – mostrar a evolução dos tipos dionisiacos nas moedas demonstrando como e onde surgem as imagens de Dioniso e suas variações, e os atributos de Dioniso: entre essas variações se encontram as figuras de Sileno, o *tirso*,¹² o cântaro, sátiros, o cacho de uva, entre outros. R. Pera e B. Florenzano nos ensinam que a devida atenção dada às informações contidas no anverso (cara) e reverso (coroa) das moedas, mais a atenção às legendas das moedas e como estas legendas se conectam com as imagens, podem nos oferecer informações valiosíssimas para aprofundarmos nosso conhecimento sobre a divindade e suas conexões com o mundo mediterrânico. Acrescente-se que aspectos ligados à produção e circulação devem também se somar à leitura da iconografia das moedas para que se alcance resultados ainda mais promissores.¹³

Associado ao sistema de identificação e mapeamento das imagens monetárias, chamamos a atenção para o método empregado por François Lissarrague (1984)

12 Tirso (grego antigo: θύσος) era um bastão feito de um talo de erva-doce gigante (*Ferula communis*) representado com bandagens ou folhas de videira enroladas em torno dele. No topo havia uma coroa de folhas de hera ou videira e, mais tarde, muitas vezes uma pinha (Olszewski, 2019). O tirso é tipicamente associado ao deus Dioniso, ou seu equivalente romano Baco, e representa um símbolo de prosperidade, fertilidade e hedonismo de forma semelhante a Dioniso (Moulton, 1998).

13 Neste sentido, a contribuição de Maria Cristina Kormikiari é deveras significativa, pois esta estudiosa, partindo do exemplo dos pequenos símbolos na cunhagem púnica que são conhecidos como contramarcas (englobam-se signos religiosos, abstratos, letras púnicas), ou seja, “representavam o valor da denominação, ou a oficina onde a série foi batida, ou o nome abreviado do oficial responsável” (Kormikiari, 2000, p. 228), mostra-nos que no universo das imagens presentes nas moedas, algumas referiam-se à símbolos que representavam as oficinas monetárias ou a própria autoridade emissora. E essa informação é bastante importante quando confrontada com o todo que representa a análise iconográfica das moedas.

e Claude Bérard (1983). Esses autores partem do princípio de que toda imagem retratada, seja ela em um vaso, em mosaicos ou escudos, é constituída por um repertório de pequenas imagens (unidades formais mínimas), e que cada unidade mínima tem um sentido, mas o sentido verdadeiro é dado pela associação das unidades mínimas em um conjunto articulado. Assim, ao analisarmos, por exemplo, a imagem de uma moeda (o pequeno espaço para se reproduzir a imagem exige além da habilidade do artista, um grande discernimento para adequar elementos que transmitam – em conjunto – as ideias que impulsionaram a criação daquela imagem) temos que identificar em um conjunto, as unidades mínimas (pois cada uma delas têm um sentido), mas num movimento seguinte, todos os conjuntos dessas unidades mínimas devem ser analisados em sua integralidade, pois se analisadas em separado, cada uma dessas unidades pode nos fornecer informações imprecisas sobre as imagens analisadas (Porto, 2007, p. 96-97). É importante ter dimensão das reais possibilidades de emprego do método de Lissarrague e Bérard para a moeda pois que este método foi concebido no âmbito da análise iconográfica do suporte cerâmico.

Chegando ao fim desta seção dedicada à abordagem teórico-metodológica que defendemos aplicar neste texto, e preparando o terreno, por assim dizer, para retornarmos ao estudo sobre a presença de Dioniso em Nisa-Citópolis, entendemos relevante também considerar a metodologia empreendida por Léon Lacroix (1974). Apesar de não tão recente, Lacroix contribuiu enormemente para a análise iconográfica das moedas ao levar em conta o estudo de cada tipo monetário, relacionando-os com a evidência arqueológica à qual este é associado; aprofundando nos conhecimentos relativos à tradição lendária ou religiosa pertinente àquele tipo monetário; e recorrendo às fontes escritas e epigráficas que auxiliam a análise a que se pretende chegar. Em Nisa-Citópolis, como veremos a seguir, as evidências arquitetônica, escultural, epigráfica e numismática se somarão aos contextos dos achados arqueológicos da cidade Nisa-Citópolis, encerrando a teia que demonstrará inequivocamente a força e poder de Dioniso no inconsciente coletivo popular que atravessou décadas, melhor, séculos de vida desta cidade.

Dioniso a partir da evidência arquitetônica, escultural, epigráfica e numismática

Não são muitas as *Evidências Arquitetônicas* em Nisa-Citópolis – ou mesmo nas outras cidades da Decápolis romana – para o culto de Dioniso. Duas estruturas

(ou três, se levarmos em consideração a estrutura apontada por Mazor na nota 15) que se localizam na malha urbana da cidade dividem a atenção dos especialistas, pois podem constituir-se em significativa evidência arquitetônica do culto de Dioniso em Nisa-Citópolis. Achim Lichtenberger tem defendido que a estrutura que fica entre as ruas Norte e a rua Palladius (número 9 e 10 da planta da área da cidade, Figura 4) possa ter sido o templo dedicado a Dioniso. A defesa deste argumento pode ser observada em seu texto *Kulte und Kultur der Dekapolis* (2003) e também no trabalho *The fate of Pagan Cult places in Palestine: the archaeological evidence with emphasis on Beth Shean* (1998) de Yoram Tsafrir. Este complexo recebeu ainda a interpretação de Gabriel Mazor e Arfan Najjar (2007) como sendo o *Caesareum*¹⁴ de Nisa-Citópolis.

A outra estrutura em questão (número 14 da planta da malha urbana da cidade, Figura 4), foi identificada em um relatório preliminar de Foerster e Tsafrir (1992) como o *heroon* de Nisa, contudo, Lichtenberger (2017, p. 210-211) acredita se tratar de um *Tychaion*, principalmente porque o templo tetrastilo se encaixaria bem com a representação de um *Tychaion* que possui estas características em uma moeda batida na cidade. Lichtenberger, no entanto, afirma que as evidências não são suficientemente conclusivas para cravar tal afirmação (Lichtenberger, 2007, p. 210).¹⁵ A propósito desta colocação de Lichtenberger, importante ressaltar que desde ao menos o período helenístico, Nisa foi associada à Tyche, deusa protetora da cidade, em Citópolis.¹⁶ Mazor nos indica que tanto Dioniso quanto Tyche/Nisa são muito proeminentes no centro cívico da cidade, seja na forma de estátuas ou como decoração em relevo em altares, placas e capitéis dos séculos II e III EC, assim como em um medalhão de um piso de mosaico do início do século VI EC (Figura 3).

14 Mazor identifica o *Caesareum* como *Adrianeum*. Segundo ele, a construção do *Caesareum* foi datada de 130-150 EC, e pode ter sido erguida em homenagem a Adriano que visitou a cidade na primavera de 130 EC. A datação do *Caesareum* (*Adrianeum*) deu-se pela estratigrafia e pelos vestígios arquitetônicos associados, principalmente pelos capitéis coríntios e pela tipologia do odeão (*odeum*). A visita de Adriano a Nisa-Citópolis é atestada pelas várias inscrições que foram encontradas no templo oriental da ágora (Mazor, 2016, p. 365).

15 Gabriel Mazor (2016, p. 359), a seu turno, acredita ainda que embora se possa supor a existência de templos dedicados a Dioniso e Tyche/Nisa entre os santuários revelados na cidade, nenhuma identificação positiva de tais candidatos dentro do centro cívico foi até agora alcançada. Mazor entende que se possa presumir que o templo ocidental da ágora (número 22 da planta da malha urbana da cidade, Figura 4) seja o templo de Dioniso.

16 Nisa é fortemente identificada com Tyche nas emissões monetárias de Citópolis (Porto, 2007, p. 156).

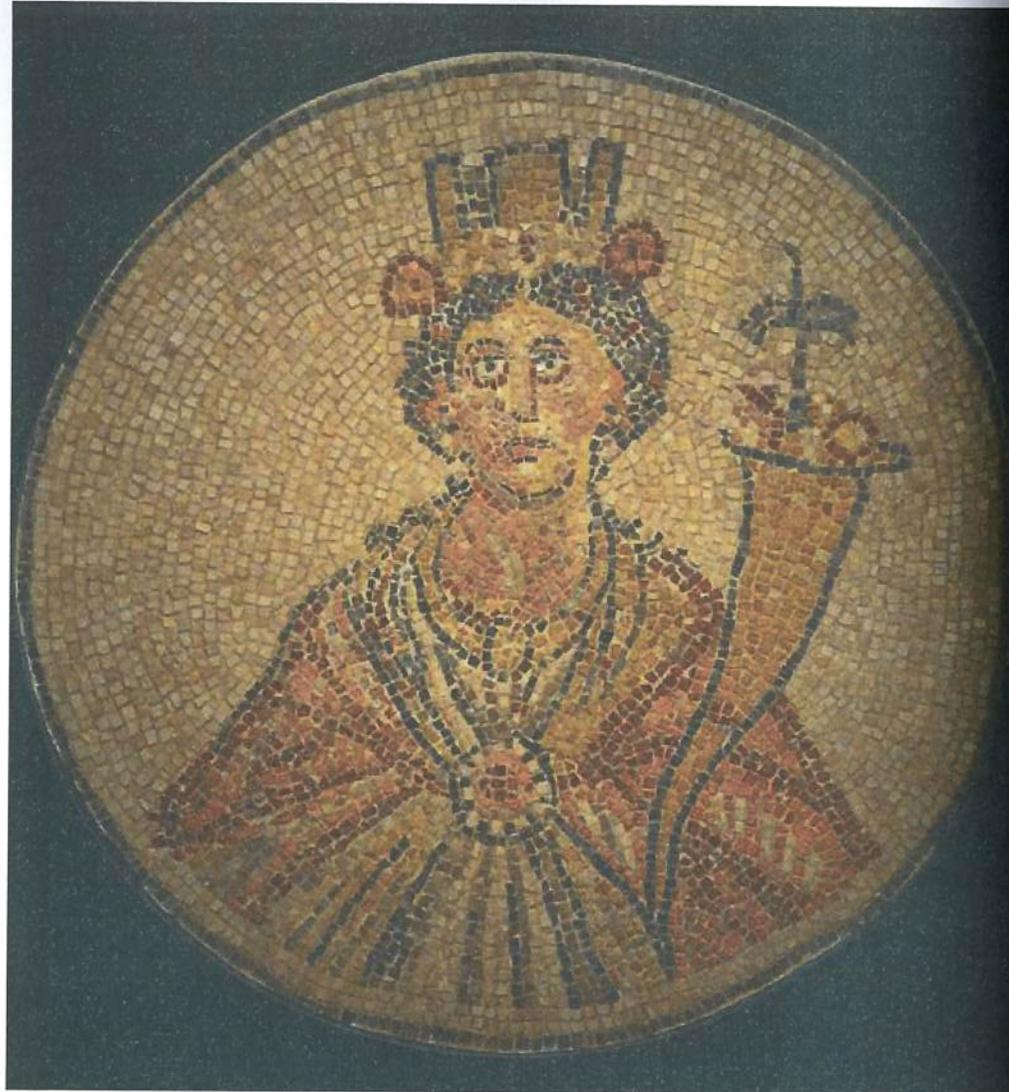


Figura 3: Mosaico com representação de Nisa-Tyche, deusa da fortuna, protetora da cidade, encontrado na êxedra semicircular da Rua Palladius em Citópolis (Beit She'an).

Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: <https://bitly.com/GXeeH>.

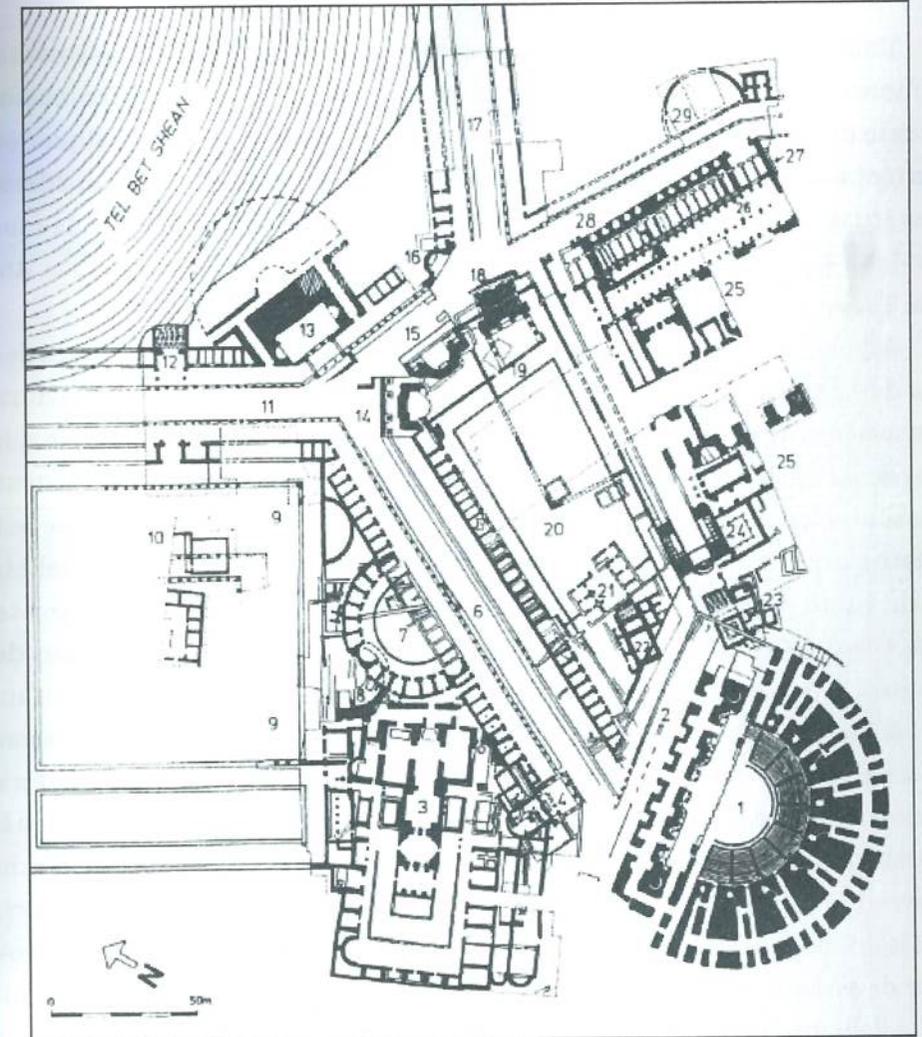


Figura 4: Planta da malha urbana de Nisa-Citópolis. 1. Teatro; 2. Pórtico em frente ao teatro; 3. Balneário ocidental; 4. Propileu (porta de entrada) na Rua Palladius; 5. Lojas do período romano; 6. Rua Palladius; 7. Sigma; 8. Odeon; 9. Colunatas e área reconstruída do *temenos* romano (?); 10. Colunatas romanas desmontadas, com um edifício público bizantino acima delas; 11. Rua Norte; 12. Propileu e escada para o *Tel*; 13. Propileu entre a esplanada do templo e o *Tel*; 14. Templo com a cela redonda; 15. Ninfeu; 16. Monumento de Antônio; 17. Rua do Vale; 18. Monumento Central; 19. Basílica romana, com pórticos da ágora bizantina acima dela; 20. Ágora bizantina; 21. Oficina de cerâmica omíada; 22. Templo romano; 23. Estruturas de culto romano; 24. Latrina pública; 25. Balneário oriental; 26. Pórtico romano, mais tarde, *Silvanus Hall*; 27. Piscina decorativa romana, com lojas omíadas acima dela; 28. Rua *Silvanus*; 29. Praça semicircular.

Fonte: Tsafir e Foerster (1997, p. 90).

Embora muitas outras divindades estejam representadas entre as estátuas de mármore que adornavam os complexos monumentais do centro cívico, como por exemplo dos teatros, ninfeus e termas, não há evidência de que qualquer outro culto tenha sido praticado em Nisa-Citópolis além do supramencionado, a despeito de estátuas de outras divindades escavadas, em alguns casos várias da mesma divindade, que incluíam as estátuas de Hermes, Afrodite, Apolo, Hércules, Atena, Leda, Tyche, e presumivelmente Zeus (Mazor, 2016, p. 359).

Asher Ovadiah e Sonia Mucznik (2015, p. 388-390) discorrem sobre a descoberta desta estrutura (número 14 da planta da área da cidade, Figura 4) durante as escavações ocorridas no centro da cidade de Nisa-Citópolis. Eles conjecturam tratar-se de um templo dedicado a Dioniso. Segundo estes autores, esta estrutura foi desenterrada ao lado de uma pilha de pedras de construção caída e de outros artefatos arquitetônicos. Duas gigantescas colunas de calcário que se quebraram ao cair, junto com grandes e bem definidos capitéis coríntios, projetam-se na pilha. Ovadiah e Mucznik (2015, p. 389) afirmam também que os restos desta estrutura estão situados onde as ruas “Palladius” e “Silvanus” se encontram.¹⁷

A rua “Palladius” (Figura 5) tinha cerca de 150 m de comprimento e atravessava a cidade das encostas do *Tel* até o teatro. Originalmente construída durante o período romano, a rua foi reformada no início do período bizantino. No seu lado noroeste há um pórtico coberto que se abre para uma fileira de lojas cuja fachada foi revestida de mármore. Uma inscrição dedicatória do século IV EC, encontrada no mosaico do pórtico, relata a construção do pórtico nos dias de Palladius, governador da província. Assim, em sua homenagem, a estrada passou a ser chamada de Rua Palladius pelos arqueólogos. No lado oposto da rua, uma fileira de lojas de dois andares foi erguida sobre uma antiga fundação do período romano.

A rua “Silvanus” (Figura 6) originalmente era uma estrada romana ladeada em um dos lados por uma colunata monumental. Uma piscina revestida de mármore foi construída paralela à estrada. Durante o período bizantino esta estrada romana foi coberta por uma nova rua, um novo salão foi erguido no topo da piscina, e seu teto sustentado pela colunata. Esta rua foi batizada de “Rua Silvanus” pelos arqueólogos em homenagem a um advogado romano chamado Silvanus, mencionado em inscrições como envolvido na construção do salão.

¹⁷ A parte da rua Silvanus em questão que se encontra com a Palladius é chamada de Rua dos Monumentos por Leah Di Segni e Benjamin Y. Arubas (2009, p. 120), justamente por ter diversos monumentos erigidos nesta parte da rua (Cf. números 13, 14, 15, 16, 18, da planta da área da cidade, Figura 4).

No início do período muçulmano, este salão caiu em desuso, e foi substituído por lojas com um pórtico de colunas e arcos. O terremoto de 749 EC nivelou as colunas e estruturas ao longo da rua. Um segmento da fachada das lojas foi restaurado e reconstruído, mas os arcos do pórtico ainda estão no monte de ruínas.

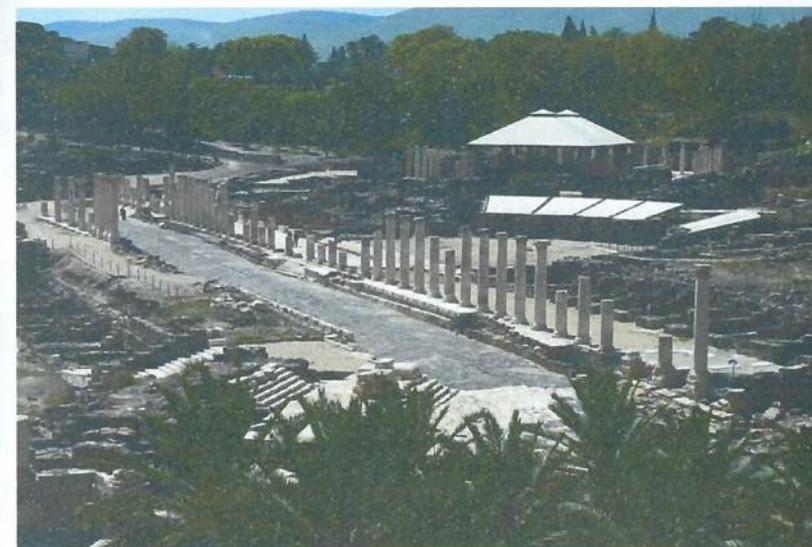


Figura 5: Rua “Palladius”.

Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: <https://bityli.com/RppdN>.

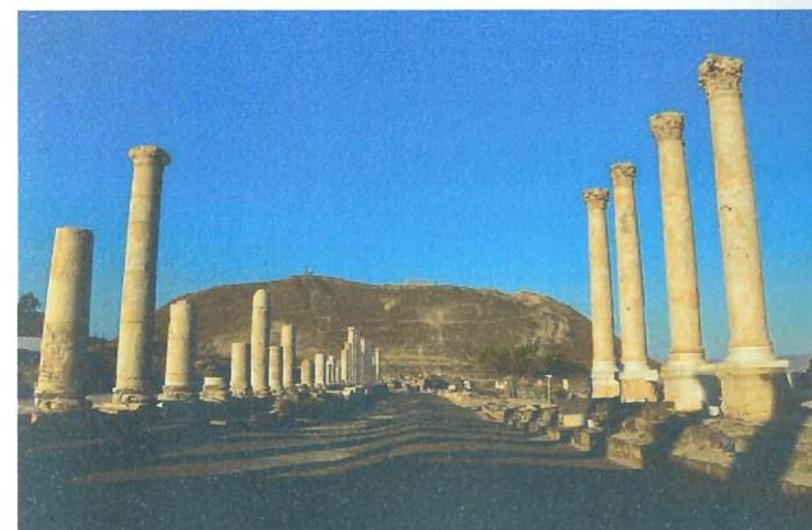


Figura 6: Rua “Silvanus”.

Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: <https://bityli.com/dhefK>.

Quando o edifício (número 14 da planta da malha urbana da cidade, Figura 4) foi completamente descoberto, tornou-se evidente que se tratava de um templo romano tetrastilo com uma fachada de frente e uma sala circular (*cella*). A fachada do templo fica a noroeste e a praça em frente a ele foi pavimentada com pedra calcária (Tsafrir; Foerster, 1997, p. 97).

Uma larga e monumental escada que conduz ao templo (Figura 7), o pórtico pavimentado, algumas colunas caídas e o grande espaço subterrâneo que apoiava o templo, sobreviveram. O templo foi erguido em um pódio parcialmente em um sistema impressionante de abóbadas de basalto, criando um vasto espaço subterrâneo que apoiou o templo (Ovadia; Mucznik, 2015, p. 388).

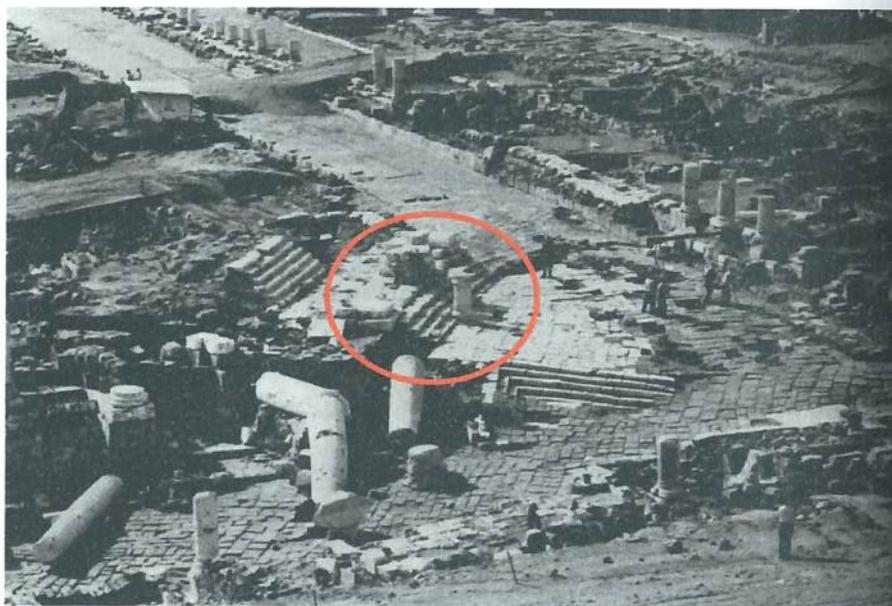


Figura 7: Rua Palladius (centro) e a escada do templo romano (em destaque), com as duas colunas monolíticas desmoronadas a propósito do terremoto de 749 EC (canto inferior esquerdo).

Fonte: Tsafrir e Foerster (1997).

A extremidade sul da câmara longitudinal terminou em uma abside, e uma escada em espiral conectou as abóbadas ao interior do templo (Figuras 8 e 9). Este espaço aparentemente não foi usado apenas para fins estruturais, isto é, para apoiar o edifício, mas também muito provavelmente para culto (talvez, um culto de mistérios de Dioniso) ou fins ctônicos/oraculares, como no subterrâneo *adyton* do templo helenístico de Apolo em Claros na Ásia Menor (Ovadia; Mucznik, 2015, p. 388).

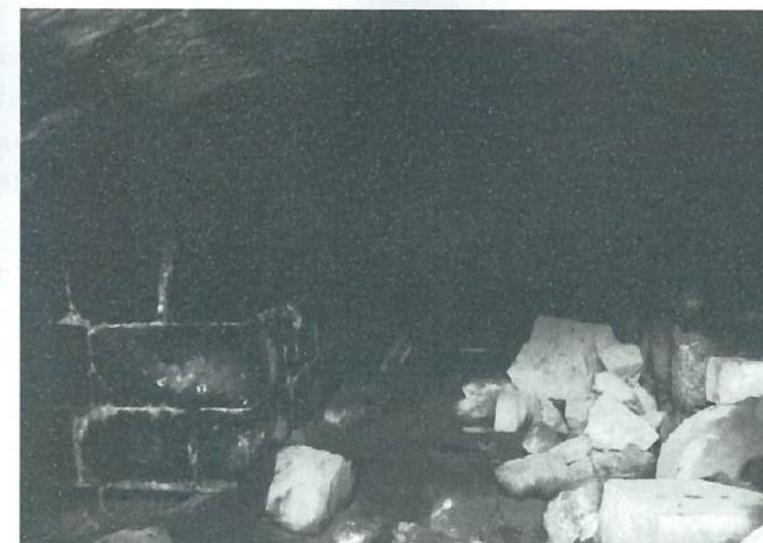


Figura 8: Beit She'an/Citópolis, câmaras subterrâneas do templo romano atribuído a Dioniso (foto: Asher Ovadia).

Fonte: Ovadia e Mucznik (2015, p. 397).

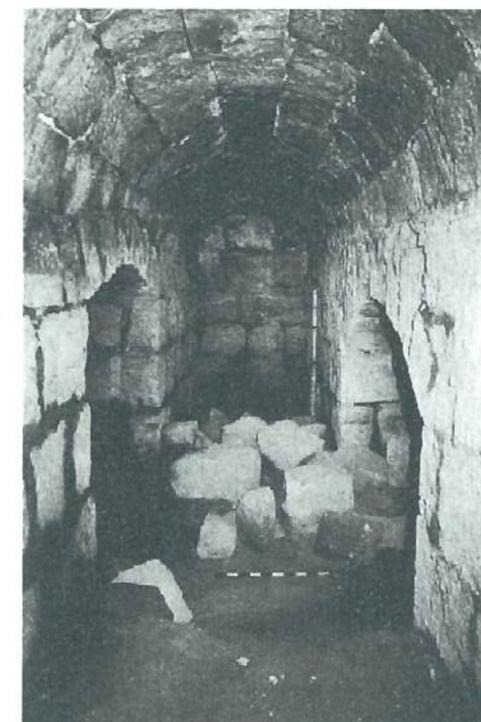


Figura 9: Câmaras subterrâneas do templo romano atribuído a Dioniso.

Fonte: Foerster e Tsafrir (1992).

Inscrições ou qualquer outra evidência não foram encontradas dentro deste complexo, portanto, é impossível verificar a qual divindade o templo era dedicado. No entanto, é possível conectá-lo a Dioniso e ao seu culto, já que um altar com uma inscrição grega para o deus foi descoberto em uma basílica¹⁸ adjacente (número 19 da planta da área da cidade, Figura 4). Este altar decorado e com inscrição gravada sob a máscara de Dioniso – a qual nos deteremos mais adiante – fornece um *terminus ante quem* para a construção do Monumento Central e foi dedicado a Dioniso-*Ktistes*, ‘o fundador’. Leah Di Segni e Benjamin Y. Arubas (2009, p. 121) afirmam que o altar é datado de 141/2 EC (Mazor, 2016, p. 376).

Entre os artefatos encontrados na praça havia uma base de pedra cilíndrica, como um pedestal redondo, em que uma inscrição grega foi gravada observando que uma estátua do Imperador Marco Aurélio (161-180 EC) fora colocada sobre ela. Mazor acredita que esta estátua pode ter adornado a fachada do complexo ou ter sido colocada na êxedra interna (Mazor, 2016, p. 368).

Além disso, nichos hexagonais para pequenos altares foram revelados na praça, em frente à fachada do templo. Estava a estátua do Imperador conectada ao culto de Dioniso? Se, de fato, este é o caso, poderia ser uma evidência arqueológica para o Culto Imperial¹⁹ em Nisa-Citópolis. Comparativamente pensando, deve-se notar que, de acordo com uma inscrição de Éfeso, o imperador Adriano era o “novo” Dioniso (Ovadia; Mucznik, 2015, p. 389).

Uma vez que não há evidências inequívocas que indiquem que essa estrutura pertencia a qualquer deus em particular, a forma da sala redonda (*cella*), como um *tholos*, e suas dimensões relativamente pequenas levaram os arqueólogos a considerar a possibilidade de que este era um *heroon* (templo ou santuário que celebra o herói fundador da cidade), talvez dedicado a Nisa, a babá de Dioniso, ou à Tyche/Nisa. Por outro lado, as inscrições descobertas na cidade ao longo dos anos, embora não diretamente relacionadas ao templo, prestam homenagem a Dioniso e a Zeus Baco (Mazor, 2016, p. 358).

O templo foi datado do século II EC, embora existam indícios, de acordo com Ovadia e Mucznik (2015, p. 390), que o templo fora construído anteriormente, mais especificamente no século I EC. Segundo estes autores, os cristãos provavelmente destruíram o templo no século IV EC (Ovadia; Mucznik, 2015, p. 390).

18 H. M. Shkolnik, em seu texto *The Civic Basilica in The Decapolis and Judaea-Palaestina* (2019) apresenta um frutífero estudo acerca das basílicas da Decápolis romana.

19 Para aprofundamento do culto imperial em Nisa-Citópolis, ver Mazor (2016).

As *Evidências Esculturais* também são um importante referencial da presença e do culto de Dioniso em Nisa-Citópolis. Neste sentido, as estátuas de mármore encontradas nesta cidade incluem uma imponente estátua de Dioniso em tamanho natural, apresentado como um jovem nu; esta estátua foi descoberta na *stoa* (Figura 10).

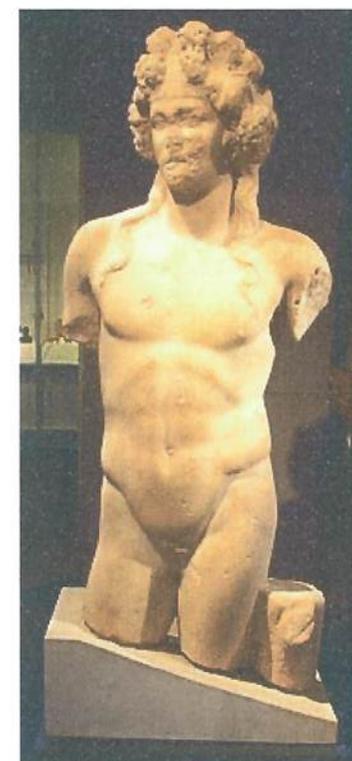


Figura 10: Estátua de mármore de Dioniso descoberta na *stoa*. Século II EC. Beit She'an/Citópolis, Israel Museum, Jerusalém, Israel.

Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: <https://bityli.com/BsLuh>.

Os braços e boa parte das pernas foram destruídos, e, apesar da mutilação do rosto²⁰ (Tsafrir; Foerster, 1997), a beleza das características faciais ainda pode

20 Catherine Nixey, em seu trabalho *The Darkening Age: the Christian destruction of the Classical World* (2017), faz menção às mutilações propositalmente de cristãos em estátuas gregas e romanas. No que concerne a esta estátua de Dioniso, a autora relata um eventual ataque realizado à genitália do deus, enquanto o dano na cabeça é mais característico de uma queda (contra Foerster 2000). A destruição seletiva do nariz e da boca é geralmente característica da mutilação cristã, mas aqui também é o queixo e parte de uma bochecha que foi agredida e, como tal, parece não ser seletiva (Nixey, 2000, p. 111-112). Irene B. Romano, Dimitris Tambakopoulos e Yannis Maniatis (2020–2021, p. 3) fazem referência à forte

ser percebida. O deus está relaxado, sua coxa esquerda descansando contra um tronco de árvore quebrado. É possível que a estátua já estivesse de pé contra uma parede ou em um nicho, porque parte de suas costas foi deixada sem polir. Seu corpo parece leve, com músculos não desenvolvidos; seu rosto é jovem, sem barba, com uma expressão sonhadora (?). Os longos cabelos encaracolados caem sobre os ombros e o peito, e ele tem uma tiara na testa. Folhas de videira e cachos de uva surgem em seus cabelos. Esta guirlanda cria um contraste com o rosto e corpo leve, suave e refinado. Esta estátua é datada do século II EC (Ovadia; Mucznik, 2015, p. 389).

Uma outra evidência escultural que gostaria de trazer à tona neste texto é um torso de mármore sem cabeça e membros (Figura 11); esta escultura é tudo o que sobreviveu de uma estátua de Dioniso encontrada na área do teatro em Nisa-Citópolis. O torso está parcialmente coberto por uma pele de animal (*nebris*), cuja cabeça (de cabra ou criança) fica no ombro esquerdo da figura, enquanto o resto é drapeado diagonalmente em todo o corpo. Um longo cabelo cai sobre o ombro esquerdo; o mau estado de preservação não permite uma descrição mais detalhada (Ovadia; Mucznik, 2015, p. 391).

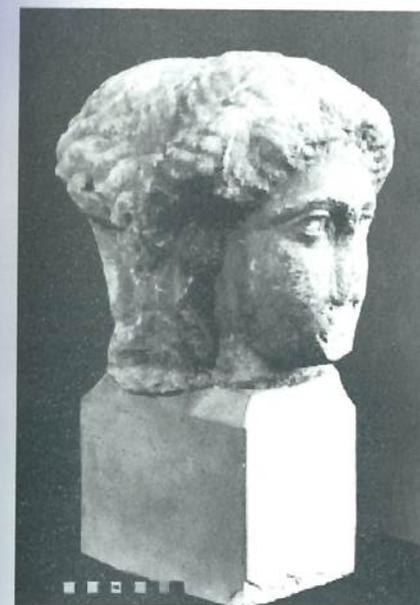


Figura 11: Torso de Dioniso com pele de animal. Beit She'an / Citópolis.

Fonte: Ovadia e Mucznik (2015, p. 400).

mutilação que a famosa cabeça de Alexandre, o Grande sofrera no rosto, “aumentando a evidência abundante de iconoclastia cristã em Citópolis” (tradução nossa).

Dioniso aparece também em duas cabeças duplas de mármore do tipo Jano de Nisa-Citópolis (Figuras 12 e 13): a tiara na testa e os cachos de uva em seus cabelos sobre as orelhas sugerem a identificação como Dioniso. Outra cabeça desse tipo, maior do que o tamanho real, também foi encontrada neste local. Em ambos os lados, se trata de uma cabeça de Dioniso jovem, sem barba, com cachos de uvas nos cabelos e presos por uma tiara.



Figuras 12 e 13: Cabeças duplas de Dioniso tipo Jano. Beit She'an/Citópolis.

Fonte: Ovadia e Mucznik (2015, p. 400).

Foi verificado também um busto do deus, jovem e sem barba, esculpido em alto relevo e colocado entre folhas de acanto, características no capitel de uma coluna também de Beit She'an/Citópolis (Figura 14). Dioniso tem cabelos longos e encaracolados com aglomerados de uva; seu rosto está largo com um queixo pesado, e seus olhos também são largos. Esta prática de representar Dioniso ou sátiros em capitéis coríntios é recorrente no Mediterrâneo. A exemplo disso destacamos os capitéis coríntios com representação de Dioniso encontrados em Sardes.²¹

21 Hanfmann, G. M. A. The Ninth Campaign at Sardis, *BASOR* 187, 62, Figura 21, 1967, p. 38; Hanfmann e Detweiler, *Sardis, Capital*, 62, Figura 12, 1968; Hanfmann, *Sardis und Lydien*, 36, no. 6, Figura 20; C. C. Vermeule em Sandler, *Essays Lehmann*, 366, no. 3, Figura 10; Hirschland, *Head Capitals*, 15, pl. 5a, 1964.



Figura 14: Detalhe de prótomo de Dioniso sobre folhas de acanto em um capitel coríntio. Beit She'an / Citópolis.

Fonte: Wikimedia Commons. Disponível em: <https://bityli.com/yUTCF>.

Também se encontrou em Nisa-Citópolis a imagem de Dioniso em um dos lados de um altar hexagonal de pedra calcária (Figura 15); abaixo da cabeça do deus, dentro de um campo quadrado conhecido com *tabula ansata*, observa-se uma inscrição grega dedicada ao deus. Este altar foi descoberto pela equipe da Universidade Hebraica de Jerusalém na temporada de escavações de 1987 em Beit She'an, entre as ruínas da já mencionada basílica romana, que estava em atividade desde o século primeiro até meados do século IV EC e que provavelmente foi destruída pelo terremoto de 363 EC (Di Segni, 1997, p. 139). Este altar hexagonal, de 83 cm de altura, e com o seu elemento de coroamento, agora desaparecido, teria atingido uma altura de cerca de um metro. O altar foi encontrado em pedaços, mas sua base ainda estava *in situ*, colocada no pavimento de pedra da basílica em frente à abside. Várias mudanças arquitetônicas foram feitas no edifício no século II EC. Um deles foi a construção de uma plataforma (*bema*) no centro da abside no extremo nordeste da basílica: aparentemente foi nessa época que o altar foi colocado no lugar.

Dioniso é mostrado neste altar em alto relevo, como um jovem, com olhos grandes e boca cheia (encontra-se mais à direita da imagem, Figura 15). Como dissemos acima, é possível observar a *tabula ansata* em que a inscrição grega se insere, logo abaixo da imagem de Dioniso. O deus é representado com uma tiara e um conjunto de uvas nos cabelos. A cabeça (máscara) de Pan (mais à esquerda da imagem, Figura 15) é retratada no outro lado deste altar, enquanto o outro lado apresenta ainda a *syrix* (flauta), o *pedum* (cajado de pastor) e o *tirso* (Ovadia; Mucznik, 2015, p. 392).



Figura 15: Altar de pedra calcária dedicado a Dioniso com inscrição em grego. Beit She'an (Citópolis). Período romano, 141-142 EC. H: 84; W: 40; D: 68 cm. The Israel Museum, Jerusalém. Wikimedia Commons. Disponível em: <https://bityli.com/EPUZB>.

Este altar nos dá uma boa deixa para iniciarmos nossa abordagem sobre as *Evidências Epigráficas* que conectam a adoração e o culto de Dioniso à cidade de Nisa-Citópolis. A documentação epigráfica se insere no escopo do enfoque totalizante (que, como dissemos nas páginas iniciais deste texto considera a força do mito, dos objetos, da narrativa, do contexto arqueológico e imagético), como exercício para a compreensão acerca da força de Dioniso em Nisa-Citópolis.

Dioniso é referido em várias inscrições gregas em Nisa-Citópolis. Asher Ovadiah e Sonia Mucznik (2015, p. 393) nos apresentam algumas delas. A inscrição abaixo trata-se de uma dedicatória grega em um altar de pedra calcária encontrado no teatro romano de Beit She'an/Citópolis, diz ela: “Para o deus Dioniso (dedicado por) Germanos”.

[Θ]εῷ Διονύσῳ Γερμανός

Fonte: Ovadiah e Mucznik (2015, p. 393).

Este altar e sua inscrição podem ser datados da época da fundação do teatro romano, ou seja, entre o final do século II e início do século III EC. Uma outra inscrição que procura homenagear Dioniso aparece no já percorrido altar hexagonal que fora desenterrado na basílica da cidade (Ovadiah; Mucznik, 2015, p. 394; Di Segni, 1997, p. 139-142).

Além das imagens associadas ao culto de Dioniso: o rosto (máscara) de um Sileno; o rosto (máscara) de Pã; pinhas; uma flauta de pã (*syrinx*); e um cajado de pastor (*pedum*), aparece também a inscrição em grego dentro da *tabula ansata* que diz: “Boa sorte. Seleuco, filho de Ariston (dedica este altar) em gratidão ao deus Dioniso, o senhor fundador da cidade, no ano de 205” (corresponde aos anos 141-142 EC).

Ἀγαθῆ τύχη | Θεῷ Διονύσῳ | κτίστη τῷ κυρίῳ | Σέλευκος | Ἀρίστωνος χα | ριστήριον, ἔτει ες'

Fonte: Ovadiah e Mucznik (2015, p. 393).

O nome “Seleuco, filho de Ariston” aparece várias vezes em inscrições encontradas em Nisa-Citópolis. Segundo Leah Di Segni (1997, p. 142), estas inscrições atestam a existência de pelo menos dois homens com o mesmo nome, ambos de alguma posição socioeconômica, e provavelmente pertencentes à

mesma importante família. O dedicante do monumento tratado nesta inscrição que apresentamos viveu, como vimos, em meados do século II EC. Outro homem de mesmo nome é mencionado em uma inscrição métrica incisa em um altar incorporado em uso secundário em uma das paredes da basílica.

Para finalizar este texto deixamos por último as reflexões sobre as não menos importantes *Evidências Numismáticas*. Dioniso é a figura dominante entre as que aparecem representadas nas moedas de Citópolis. A tabela abaixo (Figura 16), organizada por Haim Gitler (1991, p. 23), mostra como Dioniso aparece figurado em algumas cidades da Síria-Palestina, e como em Nisa-Citópolis a representação deste deus prevalece.

City	Antoninus Pius	Marcus Aurelius	Lucius Verus	Lucilla	Commodus	Septimius Severus	Julia Domna	Caracalla	Geta	Diadumenian	Elagabal	Severus Alexander	Gordian III	Philip Senior	Otaclia Severa	Herennia Etruscilla	Hostilian	Volusian
Aelia Capitolina	•				•				•	•							•	
Caesarea														•	•	•		•
Canatha					•													
Capitolias				•	•													
Diospolis							•											
Esbus											•							
Nysa-Scythopolis	•	•	•		•	•		•	•		•		•					
Raphia					•	•		•			•	•						

Figura 16: Tabela com a figuração de Dioniso nas diversas cidades emissoras da Palestina. Pode-se observar a maior quantidade de emissões com Dioniso na cidade de Nisa-Citópolis ao longo dos governos romanos.

Fonte: Gitler (1991).

De acordo com Rachel Barkay, a produção intensiva de moedas com motivos dionisíacos não tem paralelo em qualquer outra cidade da região (embora Dioniso apareça na cunhagem de sete outras cidades), Ásia Menor ou Grécia (Barkay, 2003). Mazor (2016, p. 357) menciona também a presença de Dioniso entre os deuses da tríade fundadora (Dioniso, Zeus e Tyche/Nisa) bastante característicos das moedas da cidade de Nisa-Citópolis. Achim Lichtenberger

(2017, p. 209) observa que Dioniso, apesar de ser amplamente representado nas moedas de Citópolis, não é representado associado a estruturas arquitetônicas.

Dioniso era a divindade principal no panteão local e nas moedas ele é representado em vários estilos, os quais, pela postura do deus, parecem representar protótipos de suas estátuas. Os primeiros tipos apresentam-no nu, em pé, e inclinando-se sobre o *tirso* em sua mão esquerda e vertendo o vinho contido em um vaso, e com uma pantera aos seus pés (Figura 17). Este esquema iconográfico em particular é recorrente em emissões de Nisa-Citópolis que vão desde os governos de Gabínio, passando pelas emissões de Antonino Pio, Cômodo, Julia Domna e Geta.



Figura 17: Dioniso em moeda de Citópolis. O deus derrama vinho à esquerda. Abaixo, uma pequena pantera encontra-se junto a Dioniso.

Fonte: Meshorer (1985); Ovadiah e Mucznik (2015, p. 403).

Gabínio (*Aulus Gabinius*) foi nomeado governador (procônsul) da Síria por Pompeu em 57 AEC (Porto, 2007, p. 50). Flávio Josefo nos diz que as fundações das cidades da região começaram sob Gabínio em 57-55 AEC (Josefo. *Antiquitates Iudaicae*, XIV, 5.3.88; *Bellum Iudaicum*, I, 8.4.166).

O envio de Gabínio para a Judeia, por Pompeu, insere-se na política de refortificação das cidades, ao mesmo tempo em que enfraquecia o controle judaico destas.

A presença de Gabínio nas moedas de Citópolis, com a representação de seu busto (estrategicamente associado à imagem de Dioniso, divindade mais cultuada na cidade), não é o único ponto a chamar nossa atenção. A presença da legenda em grego, ΓΑΒΕΙΝΩΝ ΝΥΚ, que significa “do povo de Nisa Gabínia”, leva-nos a pensar sobre a importância que esse governador teve para a região. A composição do esquema iconográfico envolvendo o retrato de Gabínio, a associação com Dioniso, a presença da deusa da vitória, Nike, no reverso de suas moedas e a legenda enfatizando o povo e o nome de Gabínio para cidade, nos permite concluir que a representação de Gabínio nas moedas de Citópolis está diretamente relacionada com a presença desse governador na cidade, com a tão desejada paz para a cidade, com os favorecimentos econômicos e com o desenvolvimento social vivido pela cidade durante o período em que Gabínio intercedeu em Citópolis (Porto, 2007, p. 156).²²

Uma moeda particularmente importante para pensarmos as origens de Dioniso e seu mito fundacional em Nisa-Citópolis mostra o deus saindo da coxa de Zeus, enquanto Nisa-Tyche observa seu nascimento (Figura 18). Esta moeda apresenta a tríade fundadora (Dioniso, Zeus e Tyche/Nisa) em seu campo monetar, o que se revela extremamente importante para o entendimento acerca do mito fundacional da cidade. Importante destacar que o “nascimento” de Dioniso, sua cabeça surgindo da coxa de Zeus, aparece nas moedas de Nisa-Citópolis desde a época de Septímio Severo (Spijkerman, 1978, p. 194-195, n. 23), Heliogábalo (Spijkerman, 1978, p. 200-201, n. 40-41) e Gordiano III (Meshorer, 1985, p. 42, 114, n. 112; Ovadiah; Mucznik, 2015, p. 387; Spijkerman, 1978, p. 203-205, n. 57).

Esta moeda de bronze emitida sob Gordiano III (238-244 EC) apresenta no anverso o busto do imperador laureado, couraçado e drapejado, à direita. No reverso, observamos Zeus em pé, vestindo *himation*, à esquerda, e segurando o cetro com a mão esquerda. Sua perna direita está dobrada, e o infante Dioniso emerge de sua coxa; à esquerda, Tyche como Nisa em pé, vestindo *peplos* e coroa de torres, segura o cetro na mão direita e o bebê Dioniso na esquerda (Meshorer, 1995, n. 112). Tanto o anverso quanto o reverso trazem inscrição em grego.

²² Um maior aprofundamento das emissões monetárias de Nisa-Citópolis sob Gabínio ver: Rachel Barkay. *Coins of Roman Governors Issued by Nysa-Scythopolis in the Late Republican Period* (Cf. Bibliografia).



Figura 18: Moeda emitida por Gordiano III em Nisa-Citópolis mostrando em seu reverso o nascimento de Dioniso da coxa de Zeus. Nisa em frente.

Fonte: Meshorer (1985, n. 112).

Este esquema iconográfico que mostra o nascimento de Dioniso da coxa de Zeus é bastante recorrente e aparece em outros suportes arqueológicos como no sarcófago descoberto na *Via Salaria* em Roma (Figura 19), que fora construído em 190 EC e que se encontra atualmente no *The Walters Art Museum* (Baltimore, EUA).



Figura 19: Sarcófago com o triunfo de Dioniso.

Fonte: The Walters Art Museum. Disponível em: <https://bityli.com/ZfVZA>.

O sarcófago mostra a marcha triunfal de Dioniso pelas terras da Índia. Esta marcha simbolicamente era equiparada, no pensamento romano, ao triunfo do falecido sobre a morte. À esquerda, Dioniso anda em uma carruagem puxada por panteras. Precedendo-o está uma procissão de seus seguidores e animais dito exóticos, incluindo leões, elefantes e até uma girafa. Um ninho de pássaro está escondido na árvore na extrema direita; na mesma árvore uma cobra persegue um lagarto. Muitos dos animais retratados tiveram um significado especial no culto dionisíaco. A tampa do sarcófago traz o nascimento de Dioniso (objeto de nossas reflexões neste momento) e sua recepção pelas ninfas (Figura 20). Cabeças dos sátiros (uma sorrindo e outra carrancuda) aparecem nas extremidades da tampa. A enorme atenção aos detalhes deste sarcófago exemplifica o talento dos melhores escultores romanos.

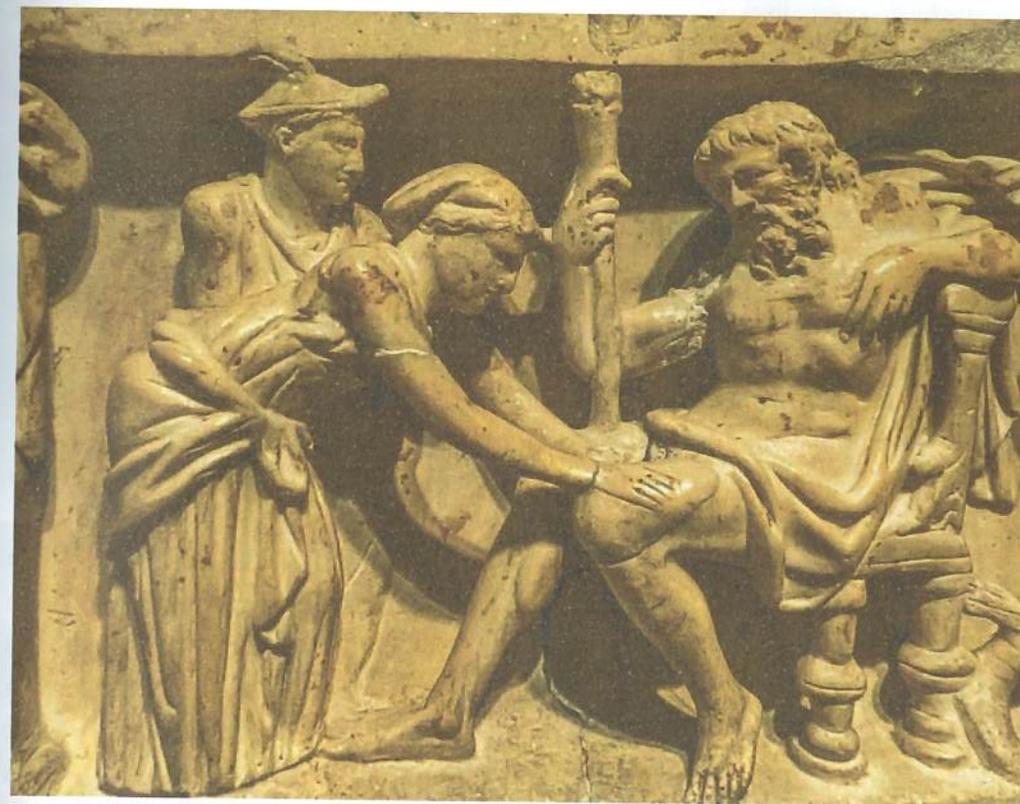


Figura 20: Detalhe da tampa do Sarcófago com o triunfo de Dioniso que mostra a babá de Dioniso, Nisa, abrindo a coxa de Zeus para receber o bebê Dioniso.

Fonte: Flickr.com. Disponível em: <https://bityli.com/mJRIH>.

Como um último exemplo deste esquema iconográfico que mostra o nascimento de Dioniso da coxa de Zeus, destacamos uma bela cratera grega com volutas que se encontra no Museu Arqueológico Nacional de Tarento. Trata-se de um vaso de figuras vermelhas da Apúlia, de cerca de 410 AEC. O campo imagético da cratera mostra Dioniso nascendo da coxa de Zeus. O conjunto imagético traz a deusa Hera estendendo a mão para pegar a criança enquanto outros deuses testemunham a cena, incluindo Afrodite e Eros (canto superior esquerdo), Pan (centro superior), Apolo (canto superior direito), Ártemis, as três ninfas Nisíadas (canto inferior esquerdo), Hermes (inferior direito) e Sileno.

Dioniso é retratado como uma criança coroada com uma coroa de hera emergindo da coxa de Zeus. Ele estica os braços para afastar ou abraçar a deusa Hera. Zeus está reclinado em uma colina, enfeitado com uma coroa de louros e portando um cetro real. O deus Apolo está atrás dele, o pastor Pan, acima, e Hermes, abaixo. O arauto divino está pronto para entregar a criança aos cuidados de Sileno e das ninfas Nisíadas. A deusa Hera agarradora usa uma coroa e pulseiras de *Stephane* e carrega um cetro real listrado com uma cabeça em forma de lótus.

Importante destacar que nesta versão do esquema iconográfico do nascimento de Dioniso, quem segura o bebê Dioniso é Hera e não Nisa. Neste caso, Nisa se encontra junto a outras ninfas no campo imagético, mas sem a centralidade que recebe nas representações das moedas de Citópolis.

Um outro esquema iconográfico relevante para nossas reflexões neste texto é o que mostra a ninfa Nisa amamentando o bebê Dioniso. Este esquema iconográfico pode ser observado na cidade de Nisa-Citópolis, tanto em estatuetas quanto nas moedas.

Ovadiah e Mucznik (2015, p. 403) afirmam que há várias moedas com Tyche/Nisa amamentando o bebê Dioniso (Figura 21). Emmanuel Friedheim (2003, p. 243-245) também discute a questão das representações femininas que amamentam trazendo situações que envolvem Ísis-Hórus (Harpócrates em grego) e Nisa-Dioniso. Peter Lewis (s/d, p. 4-5) discute a influência deste esquema iconográfico em Nisa-Citópolis a partir da matriz egípcia em que Ísis amamenta Hórus, em uma perspectiva que enfatiza o cristianismo. Segundo este autor, a imagem de Ísis amamentando Hórus-Harpócrates (Figura 22) foi influente na Palestina, principalmente durante o reinado do imperador romano Gordiano III.



Figuras 21 e 22: Figura 21, à esquerda: reverso de moeda batida em Citópolis à época de Gordiano III apresentando Nisa amamentando o bebê Dioniso. Figura 22, à direita: reverso de moeda batida em Alexandria à época de Adriano representando Ísis amamentando Hórus.

Fonte: Ovadiah e Mucznik (2015, p. 403) e Lewis (s/d, p. 6).

Este esquema iconográfico em que Nisa amamenta Dioniso também pode ser observado em um grupo de pequenas estatuetas de terracota encontradas em junho de 1922 no Túmulo 218 do Cemitério do Norte de Nisa-Citópolis pela equipe liderada pelo arqueólogo Clarence Fisher; um enterro que os arqueólogos dataram entre os séculos IV e VI EC. Stephanie Hagan, em artigo de 2013 diz que Clarence Fisher, a partir destes achados, alega que as “várias belas estatuetas de terracota de Baco amamentadas por ninfas encontradas no cemitério”, sustentava a conclusão de que o santuário escavado era dedicado ao deus Dioniso, que gozava de um culto fundador em Nisa-Citópolis (Hagan, 2013, p. 33).

A estatueta é o exemplo mais bem preservado que mostra uma mulher sentada com uma criança no colo. Seu braço direito cruza o corpo para tocar o seio esquerdo, cujo mamilo ela segura entre os dois primeiros dedos para amamentar a criança (Figura 23). Uma estatueta semelhante mostra a mesma iconografia, embora o estilo da estatueta seja um pouco diferente.



Figura 23: Estatueta de terracota moldada (frente e verso) representando Nisa, a babá de Dioniso, associada à fundação de Nisa-Citópolis. Proveniência: Túmulo 218, Cemitério Norte. Data: Final do século V EC (?). Altura: 14,3 cm. Largura: 5,6 cm. Fonte: Cortesia de Penn Museum. Disponível em: <https://beth-shean.squarespace.com/new-page-1>.

A iconografia de uma mulher amamentando uma criança é comum em todo o Mediterrâneo e, como vimos, encontrou popularidade especial no Egito, onde exemplos de Ísis lactante mostram a deusa Ísis amamentando o infante Hórus, e mais tarde exemplos coptas da Virgem lactante retratam Maria oferecendo seu seio ao menino Jesus. Segundo Hagan (2013, p. 34), as imagens de *Kourotrophos* são muito menos comuns em Israel, no entanto, e embora as terracotas de Beit She'an tenham sido identificadas como Ísis ou Maria, elas não parecem se referir a nenhuma mãe divina, pois não mostram atributos que possam sugerir uma conexão Isíaca ou Mariana. Hagan sustenta que estas estatuetas se conectam

muito mais com Nisa no contexto do mito fundacional da cidade. A autora sustenta o aparecimento deste esquema iconográfico nas moedas da cidade para corroborar seus argumentos.

Por fim, chamo a atenção de um medalhão de bronze, também produzido em Nisa-Citópolis que traz Dioniso em pé, apoiando sua mão sobre a cabeça de uma criança (Figura 24). Esta representação pode referir-se à participação de crianças no festival das *Anthesterias* (Gitler, 1991, p. 27; Ovadiah; Mucznik, 2015, p. 393).



Figura 24: Reverso de Medalhão de Cômodo e Septímio Severo com representação de Dioniso e crianças em cenas das *Anthesterias*. Desenho ilustrativo à direita.

Fonte: Gitler (1991, p. 30), Ovadiah e Mucznik (2015, p. 403).

Gitler discute a helenidade da região observando as representações detalhadas de Dioniso nos medalhões de Cômodo e Septímio Severo, bem como nas moedas cunhadas sob Heliogábalos e sob as do já mencionado imperador Gordiano III. A maioria dos elementos desse esquema iconográfico tem seus paralelos no V e IV século AEC em *choes*²³ áticos, que eram usados por crianças no festival das *Anthesterias*. Embora os medalhões e moedas de Nisa-Citópolis com esse esquema iconográfico tenham sido produzidos com cerca de seis séculos de atraso, há uma notável semelhança das representações nas moedas da cidade Sírio-Palestina e os *choes* áticos. Especialmente digna de nota é a similaridade nas posturas

²³ O *chous* (χοῦς; pl. *choes*) era uma forma arredondada e atarracada de Énocoia, com boca de trevo. Pequenos exemplos deste vaso com cenas de crianças eram colocados em sepulturas infantis (Beazley Archive, Oxford University, "Oinochoe, olpe and chous". Cf. Bibliografia).

dos corpos das crianças e no manejo dos *choes* (Gitler, 1991, p. 27). Para Gitler, o material numismático das oficinas monetárias da Ásia Menor também pode ser relevante para nossa discussão. As pequenas figuras das cenas dionisíacas costumam ser chamadas de sátiros, *silenoí* ou Pan. No entanto, existem paralelos entre essas cenas e os dois medalhões de Nisa-Citópolis.

Em algumas das moedas da Ásia Menor, as pequenas figuras estão agachadas ou de pé aos pés de Dioniso. Os exemplos mais notáveis são os que trazem Dioniso derramando vinho de uma enócoa para o pequeno jarro de vinho (*choes?*) que uma pequena figura segura. Essas pequenas figuras estão dobrando os joelhos de maneira muito semelhante aos meninos dos medalhões de Nisa-Citópolis (Gitler, 1991, p. 27). Meshorer acreditava que o aumento das representações de Dioniso em moedas de algumas cidades palestinas durante o reinado de Cômodo reflete a introdução de um novo culto sincrético de Dioniso. Este autor sugere que o novo culto tenha sido introduzido nas cidades de Aelia Capitolina, Nisa-Citópolis e Canata (1985, p. 41).

As semelhanças entre este esquema iconográfico tanto nas moedas de Nisa-Citópolis quanto nas representações muito anteriores que ocorriam nas *Anthesterias* de período clássico na Ática indicariam, no entanto, que a cerimônia deriva de uma tradição muito mais antiga (Gitler, 1991, p. 27-28). Infelizmente, não há evidência epigráfica nem literária de tal festival em Nisa-Citópolis. É interessante notar que até o reinado de Cômodo, havia apenas um tipo com Dioniso nas moedas da cidade. Durante os 65 anos seguintes, até a interrupção da produção monetária na cidade em 240/1 EC, nada menos que sete tipos diferentes de moedas de Nisa-Citópolis mostram cenas dionisíacas. É difícil dizer o que os motivou, mas, considerando todos os argumentos expostos neste texto, podemos sugerir com segurança que a cidade era um dos mais importantes centros de culto dionisíaco na região.

Considerações finais

Este texto procurou apresentar facetas de Dioniso, um deus cultuado na Grécia, que também encontra ecos de adoração na distante terra oriental de Beit She'an/Nisa-Citópolis, cidade da Decápolis romana.

Os emaranhamentos culturais verificados nas cidades da Decápolis, dentre elas Citópolis, se acentuam ao observarmos o culto de Dioniso e sua recepção e hibridização com deuses locais. Neste sentido, o emaranhamento é “um processo

ativo pelo qual bens ‘estrangeiros’ são apropriados, transformados e/ou manipulados por indivíduos ou grupos sociais, resultando em novos significados e usos” (Rowan, 2016, p. 44).²⁴ Dioniso se hibridiza cultural e religiosamente com divindades locais específicas de cada cidade, de cada região e, mesmo que muitos de seus cultos tenham início em período helenístico, muitas dessas expressões hibridizadas de culto foram perpetuadas em período romano. Nesse processo, ao analisarmos o culto de Dioniso em período romano, observamos que pode ser muito difícil de separar a esfera ‘romana’ da esfera ‘local’.

Tendo em mente essas facetas de Dioniso, intentamos neste texto demonstrar a força e poder de Dioniso em Nisa-Citópolis, enveredando-nos em um exercício que buscou contemplar um método de análise que conjugou a análise arqueológica contextual e a análise das imagens. Buscamos mostrar que, a partir de um enfoque totalizante, que leva em conta a força do mito, dos objetos, da narrativa, da epigrafia, do contexto arqueológico e imagético, consegue-se depreender mais profundamente a presença de Dioniso na cidade.

Em Nisa-Citópolis, como vimos, as evidências arquitetônicas (principalmente com o debate sobre qual o possível templo de Dioniso), escultural (principalmente ao apresentar estátuas de mármore com a figuração de Dioniso, e até mesmo sua representação em estatuetas de terracota, em altares e em um capitel coríntio), epigráfica (que homenageia Dioniso em várias inscrições pela antiga Citópolis), e numismática (a figuração de Dioniso prevalece nas emissões de Citópolis) trazem de forma direta ou tangencial a presença de Dioniso, e encerram a teia que demonstra inequivocamente a força e poder de Dioniso na tradição cultural e religiosa da cidade.

Todo o significado que Dioniso teve para esta região oriental do Império Romano pode ser evidenciado nos objetos a ele associados, assim como na epigrafia e nas imagens que dele fazem referência. Assim como as imagens, os objetos em seus contextos de achado podem desempenhar um papel ativo na comunicação ou entendimento de conceitos abstratos particulares, na comunicação de diferentes relacionamentos e em converter – seja o deus Dioniso, seja a ninfa Nisa, sua babá – em protagonistas de uma história construída ao longo dos séculos em Nisa-Citópolis/Beit She'an.

²⁴ Para fins de exemplo ver Dietler (2005; 2010), Hodder (2012), Stockhammer (2012), Whitley (2013) e Versluys (2014).

Referências

Fontes

BÍBLIA Sagrada. Tradução de J. F. de Almeida. 2. ed. São Paulo: SBB, 1996.

FLAVIO JOSEFO. *Bellum Iudaicum*. Translated by H. St. Thackeray. London: Harvard University Press, 1997.

FLAVIO JOSEFO. *Antiquitates Iudaicae*. Translated by R. Marcus. London: Harvard University Press, 1998.

PLÍNIO, O Velho. *Naturalis Historia*. Paris: Librairie de Firmin Didot, 1855.

SOLINUS, Caius Iulius. *Collectanea rerum memorabilium*. 2. ed. Berlin: Weidmann, 1895.

Bibliografia

ARROYO, V. **Mudanças e permanências no mobiliário funerário em cemitérios de não-elite do Reino Novo e do Terceiro Período Intermediário: um estudo sobre o papel dos amuletos**. 2021. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, 2021.

BARKAY, R. **The Coinage of Nysa-Scythopolis (Beth-Shean)**. [*Corpus Nummorum Palaestinensium* 5]. Jerusalém: Israel Exploration Society, 2003.

BARKAY, R. Coins of Roman Governors Issued by Nysa-Scythopolis in the Late Republican Period, *Israel Numismatic Journal*, Tel Aviv, v. 13, p. 54-62, 1994-1999.

BEAZLEY ARCHIVE. Oxford University. Oinochoe, olpe and chous. **Classical Art Research Centre**, [s. d.] Oxford. Disponível em: <https://www.carc.ox.ac.uk/carc/resources/Introduction-to-Greek-Pottery/Shapes/Pouring-vessels>. Acesso em: 7 nov. 2022.

BÉRARD, C. Iconographie-Iconologie-Iconologique. *Études de Lettres*, Paris, v. 4, p. 5-37, 1983.

CERQUEIRA, F. V. Tradições visuais orais e literárias: conformação da memória e constituição de referenciais materiais de identidade (a narrativa da contenda musical entre Apolo e Mársias). *Phoënix*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 81-111, 2012.

DEBARY, O.; TURGEON, L. **Objets et mémoires**. Laval: Presses Universitaires Laval, 2007.

DI SEGNI, L. A dated inscription from Beth Shean and the cult of Dionysos ktistes in Roman Scythopolis. *Scripta Classica Israelica*, Tel Aviv, v. 16, p. 139-161, 1997.

DI SEGNI, L.; ARUBAS, B. An old-new inscription from Beth Shean. In: DI SEGNI, L. *et al.* (ed.). **Man near a Roman arch: studies presented to Prof. Yoram Tsafrir**. Jerusalem: Israel Exploration Society, 2009. p. 115-124.

DIETLER, M. The archaeology of colonization and the colonization of Archaeology: theoretical challenges from an ancient Mediterranean Colonial encounter. In: STEIN, G. J. (ed.). **The Archaeology of Colonial encounters**. Santa Fe: School for Advanced Research Press, 2005. p. 33-68.

DIETLER, M. **Archaeologies of colonialism: consumption, entanglement, and violence in Ancient Mediterranean France**. Berkeley: University of California Press, 2010.

DONOHUE, A. A. **Greek sculpture and the problem of description**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

FLORENZANO, M. B. B. Notes on the imagery of Dionysus on Greek coins. *Revue Belge de Numismatique et de Sigillographie*, Brussels, v. 145, p. 37-48, 1999.

FOERSTER, G. A statue of Dionysos from Beth Shean (Nysa-Scythopolis). In: DAIMON, A. **Mythes et cultes: études d'iconographie en l'honneur de Lilly Kahil**. Paris: École Française d'Athènes, 2000. p. 135-143.

FOERSTER, G.; TSAFRIR, Y. The Beth Shean excavation project, 1989-1991: the City Centre (North). *Hadashot Arkheologiyot: Excavations and Surveys in Israel*, Jerusalem, v. 98, p. 3-29, 1992.

FRANCISCO, G. S. Ânforas panatenaicas e paisagens estruturais. *Mare Nostrum*, São Paulo, n. 4, p. 81-99, 2013.

- FRANCISCO, G. S. **Panatenaicas**: tradição, permanência e derivação. 2012. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.
- FRANCISCO, G. S.; SARIAN, H.; CERQUEIRA, F. V. Retomando a arqueologia da imagem: entre iconografia clássica e cultura material. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 40, n. 84, p. 141-165, 2020.
- FRIEDHEIM, E. Who are the deities concealed behind the Rabbinic expression “a nursing female image”? *The Harvard Theological Review*, Cambridge, v. 96, n. 2, p. 239-250, 2003.
- GELL, A. **Art and agency**: an anthropological theory. Oxford: Oxford University Press, 1998.
- GITLER, H. New aspects on the Dionysiac cult in Nysa-Scythopolis. *Swiss Numismatic Revue*, Zürich, v. 70, p. 23-29, 1991.
- GRAMACHO, J. **Hinos homéricos**. Brasília, DF: EdUnB, 2003.
- HAGAN, S. Death and eternal life at Beth Shean. *Expedition*, Philadelphia, v. 55, n. 1, p. 33-36, 2013.
- HANFMANN, G. M. A.; DETWEILER, A. H. The Great Synagogue of Sardis. *Illustrated London News*, London, n. 13, p. 30-31, 1968.
- HANFMANN, G. M. A.; MAJEWSKI, L. J. The Ninth Campaign at Sardis (1966) (continued). *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, Chicago, n. 187, p. 9-62, 1967.
- HIRSCHLAND, N. L. The head-capitals from Sardis. *Papers of the British School at Rome*, Rome, n. 35, p. 12-22, 1967.
- HODDER, I. The contextual analysis of symbolic meanings. In: HODDER, I. (ed.). **The Archaeology of contextual meanings**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. p. 1-10.
- HODDER, I. Interpretive Archaeology and its role. *American Antiquity*, Cambridge, v. 56, n. 1, p. 7-18, 1991.
- HODDER, I. **Theory and practice in Archaeology**. London: Routledge, 1992.

- HODDER, I. **Entangled**: an Archaeology of the relationships between humans and things. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2012.
- HORA, J. F. **A cerâmica de figuras negras tasienses no contexto arqueológico**: múltipla Ártemis e o feminino na Tasos arcaica. 2018. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.
- INGOLD, T. **Creativity and cultural improvisation**. Oxford: Berg, 2008.
- INGOLD, T. **The life of lines**. Abingdon: Routledge, 2015.
- JOHNSON, M. **Archaeological theory**: an introduction. Oxford: Blackwell, 1999.
- KORMIKIARI, M. C. N. **Norte da África autóctone do século III ao I a.C.**: as imagens monetárias reais berberes. 2000. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- LACROIX, L. **Études d'archéologie numismatique**. Paris: Diffusion de Boccard, 1974.
- LATOURE, B. **Reassembling the social**: an introduction to Actor-Network-Theory. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- LEACH, J. Differentiation and encompassment: a critique of Alfred Gell's theory of creativity. In: HENARE, A.; HOLBRAAD, M.; WASTELL, S. (ed.). **Thinking through things**: theorising artefacts ethnographically, London: Routledge, 2006. p. 167-188.
- LICHTENBERGER, A. **Kulte und Kultur der Dekapolis**: Untersuchungen zu numismatischen, archaischen und epigraphischen Zeugnissen. Wiesbaden: Harrassowitz, 2003.
- LICHTENBERGER, A. City foundation legends in the Decapolis. *Bulletin of the Anglo-Israel Archaeological Society*, Tel Aviv, n. 22, p. 23-34, 2004.
- LICHTENBERGER, A. Coin iconography and Archaeology: methodological considerations of architectural depictions on city coins of Palestine. In: TAL, O.; WEISS, Z. (ed.). **Expressions of cult in the Southern Levant in the Greco-Roman Period**: manifestations in text and material culture. Turnhout: Brepols, 2017. p. 197-220.

- LISSARRAGUE, F. Autour du guerrier. In: VERNANT, J.-P. (ed.). **La cite des images: religion et société en Grèce antique: centre de recherches comparées sur les sociétés anciennes**. Paris: Fernand Nathan, 1984. p. 35-48.
- MAZOR, G. Imperial cult in the decapolis Nysa-Scythopolis as a test case. In: KILLEBREW, A. E.; FASSBECK, G. (ed.). **Viewing ancient Jewish Art and Archaeology: Vehinnei Rachel: essays in honor of Rachel Hachlili**. Leiden: Brill, 2016. p. 355-383.
- MAZOR, G.; NAJJAR, A. **Bet She'an: Nysa-Scythopolis: the Caesareum and the Odeum**. Jerusalem: Israel Antiquities Authority, 2007. v. 1.
- MESHORER Y. **City-coins of Eretz Israel in the Roman Period**. Jerusalem: Israel Museum, 1985.
- MEYERS, E. M.; PARKER, S. T. (ed.). Decapolis. In: MEYERS, E. M.; PARKER, S. T. (ed.). **The Oxford Encyclopedia of Archaeology in the Near East**. Oxford Biblical Studies Online, 2016.
- MOREIRA, R. A.; CARLAN, C. U.; FUNARI, P. P. A. **Iconografia e semiótica: uma abordagem histórica**. São Paulo: Annablume, 2015.
- MOULTON, C. **Ancient Greece and Rome: an encyclopedia for students**. New York: Gale, 1998. v. 2, p. 7-9.
- NIXEY, C. **The Darkening Age: the Christian destruction of the Classical World**. London: MacMillan, 2017.
- OLSZEWSKI, E. **Dionysus's Enigmatic Thyrsus**. Proceedings of the American Philosophical Society. Vol 163, no. 2, 2019, p. 153-173.
- OVADIAH, A.; MUCZNIK, S. Dionysos in the Decapolis. **Liber Annuus**, Turnhout, v. 65, p. 387-405, 2015.
- PANOFKY, E. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da renascença. In: PANOFKY, E. **Significado nas artes visuais**. São Paulo: Perspectiva, 1976. p. 47-87.
- PERA, R. Tipi Dionisiaci in Sicilia e Magna Grecia. **Serta Historica Antica**, Rome, v. 1, p. 33-70, 1986.

- PORTO, V. C. **Imagens monetárias na Judéia/Palestina sob dominação romana**. 2007. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- REDE, M. A materialidade e o divino na Antiga Mesopotâmia: questões teóricas e possibilidades analíticas. In: TEIXEIRA-BASTOS, M.; PORTO, V. C. (org.). **Arqueologia do Oriente Antigo: a materialidade através do tempo**. 2022. No prelo.
- ROMANO, I. B.; TAMBAKOPOULOS, D.; MANIATIS, Y. A Roman portrait of Alexander the Great from Beth Shean: the most important Hellenistic sculpture found in the Holy Land. **Israel Museum Studies in Archaeology**, Tel Aviv, v. 10, p. 3-28, 2021.
- SANDLER, L. F. (ed.). **Essays in Memory of Karl Lehmann**. Locust Valley: J. J. Augustin, 1964.
- SARIAN, Haiganuch. Arqueologia da imagem: aspectos teóricos e metodológicos na iconografia de Héstia. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia da USP**, Suplemento 3, 1999, p. 69-84.
- SARIAN, Haiganuch. **Arqueologia da imagem: expressões do mito e da religião na antiguidade clássica**. Tese (Livre docência em Arqueologia Clássica) – Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP). São Paulo, 2005.
- SHANKS, M.; HODDER, I. Processual, postprocessual and interpretive archaeologies. In: Hodder, I. et al (eds.). **Interpreting archaeology: finding meaning in the past**. New York: Routledge, 1995. p. 12-41.
- SHKOLNIK, H. M., The Civic Basilica in The Decapolis and Judaea-Palaestina. 2019, **Questions of the History of World Architecture**, 13(2), 2019, p. 9-49.
- SPIJKERMAN, A. **The Coins of the Decapolis and Provincia Arabia**. Ed. M. Piccirillo. (Studii Biblici Franciscani collectio maior, XXV). Jerusalém: Franciscan Printing Press, 1978.
- STOCKHAMMER, P. W. Conceptualizing cultural hybridization in archaeology. In: P. W. STOCKHAMMER (ed.) **Conceptualizing Cultural Hybridization**, Berlin, 2012, p. 43-58.
- TRIGGER, B. G. **A History of Archaeological Thought (Second Edition)**. New York: Cambridge University Press, 2007.

TSAFRIR, Y.; FOERSTER, G. Urbanism at Scythopolis-Bet Shean in the Fourth to Seventh Centuries. **Dumbarton Oaks Papers**, Cambridge, MA, v. 51, p. 85-146, 1997.

TSAFRIR, Yoram, The Fate of Pagan Cult Places in Palestine: The Archaeological Evidence with Emphasis on Beth Shean. *In*: Hayim LAPIN (ed.) **Religious and Ethnic Communities in Later Roman Palestine**. Bethesda: University Press of Maryland, 1998, p. 197-218.

VERSLUYS, M. J. Understanding objects in motion. An archaeological dialogue on Romanization, **Archaeological Dialogues** 21, 2014, p. 1-20.

